

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA APLICADA  
DO  
INSTITUTO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL  
DA  
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

O PSICÓLOGO DIANTE DOS SERVIÇOS DE  
ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO

POR

JOHANNES PETRUS MARIA BERKERS

Dissertação apresentada como parte  
dos requisitos para obtenção do  
gráu de Mestre em Psicologia  
Aplicada

a MARIA HELENA

## INDICE

AGRADECIMENTOS	I
SUMÁRIO	II
INTRODUÇÃO	
1. Justificativa	2
2. Objetivos	5
CAPÍTULO I     FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
A. Conceituação do aconselhamento psicológico	
1. Aconselhamento	8
2. Aconselhamento psicológico	13
3. Orientação vocacional e aconselhamento psicológico	20
4. Aconselhamento psicológico e psicoterapia	27
B. As bases teóricas do aconselhamento psicológico	36
1. O aconselhamento "centrado no aconselhador"	36
2. O aconselhamento "centrado no comportamento"	41
3. O aconselhamento "centrado no cliente"	50
4. O aconselhamento psicológico existencial	60
5. O aconselhamento psicológico desenvolvimentista	68
CAPÍTULO II     A PESQUISA DE CAMPO	
A. O método	
1. Formulação de hipóteses	77
2. Elaboração do questionário	78
3. Justificativa da amostra	80

4 B. Os resultados

1. Levantamento e análise dos dados 82

2. Confrontação dos dados de análise com as  
hipóteses estabelecidas e as respectivas  
sugestões 102

CONCLUSÕES FINAIS 107

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 110



## -AGRADECIMENTOS

O cotidiano e o passado próximo deste trabalho envolveram a colaboração de várias pessoas:

À Dra. RUTH SCHEEFFER, orientadora desta dissertação, a quem devo parte da minha formação científica, quero expressar os meus agradecimentos, não só pela sua permanente dedicação, como também pelo interesse amigável e pelo empenho pessoal, tantas vezes manifestado, nas mais diversas situações.

Ao Prof. BELISÁRIO MARQUES os meus votos de agradecimentos por ter colocado à minha disposição todo o seu material referente ao aconselhamento psicológico.

Ao Prof. ANTÔNIO CARLOS GIL os meus agradecimentos por sua assessoria estatística e por seu incentivo de amigo.

Aos ESTUDANTES de PSICOLOGIA por sua colaboração espontânea e muito valiosa no trabalho da pesquisa de campo, o meu reconhecimento e gratidão.

Finalmente agradeço à FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, especialmente ao Instituto de Seleção e Orientação Profissional, pela bolsa de estudo, concedida durante o curso.

## SUMÁRIO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a tomada de posição do profissional-psicólogo diante dos serviços de aconselhamento psicológico, a partir de um estudo da situação atual na área do aconselhamento psicológico.

O estudo de caráter teórico tenta destacar os aspectos fundamentais do aconselhamento psicológico como tal:

- o seu significado e desenvolvimento, evidenciando que o aconselhamento psicológico é um ramo da psicologia aplicada e como tal tem os seus objetivos diretos e operacionais.
- a relação entre aconselhamento psicológico e psicoterapia, destacando com maior ênfase o objetivo do aconselhamento - o bem estar psíquico da pessoa e indiretamente da própria sociedade.
- as bases teóricas e filosóficas, que sustentam todo o tipo de aconselhamento psicológico, apresentando por fim, um esboço de uma posição teórica pessoal do aconselhador.

A partir dos dados destas considerações de caráter teórico, foram identificados alguns aspectos, que devem fazer parte de uma tomada de posição adequada, por parte do psicólogo-profissional, diante dos serviços de aconselhamento psicológico:

- existe uma diferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia;
- esta diferença está, de modo específico, na finalidade e na clientela desses dois serviços;
- o psicólogo formado deveria estar em condições de assumir o papel de aconselhador psicológico;
- uma das tarefas fundamentais do psicólogo como tal é o exercício da função de aconselhador psicológico;
- a prática do aconselhamento psicológico se baseia nos dados da psicologia teórica e na experiência crescente do próprio profissio-

nal como aconselhador;

- o papel do psicólogo de que a nossa sociedade necessita mais, é o de aconselhador psicológico;
- os serviços de aconselhamento psicológico merecem em princípio prioridade sobre os serviços de psicoterapia.

Os aspectos, acima mencionados, constituíram as hipóteses de trabalho, as quais foram testadas através de um questionário, aplicado na classe dos psicólogos, observadas todas as normas de amostragem. Através dos resultados obtidos, que foram devidamente submetidos a um tratamento estatístico apropriado, são apresentadas no final do trabalho algumas conclusões quanto à atitude do psicólogo-profissional diante dos serviços de aconselhamento psicológico.

Assim, este trabalho pretende contribuir de algum modo para uma melhor compreensão e uma maior conscientização do significado e da importância do serviço de aconselhamento psicológico no meio da classe dos psicólogos, como também, no meio da própria sociedade.

## SUMMARY

The objective of this study as it is presented, is to analyze the position taken by the professional psychologist in the face of psychological counseling services, beginning with a study of an actual situation in the area of psychological counseling.

The study, theoretical in character, tries to point out the fundamental aspects of psychological counseling as such:

- it's meaning and development, showing that psychological counseling is a branch of applied psychology and as such has direct and operational objectives.
- the relationship between psychological counseling and psychotherapy, emphasizing the purpose of the counseling, the psychological well-being of the person and indirectly that of the actual society.
- the theoretical and philosophical basis that sustain every type of psychological counseling, presenting finally, an outline of a personal theoretical position taken by the counselor.

From the data of these considerations, theoretical in character, some aspects that should be taken as an adequate position on the part of the professional psychologist in the face of psychological counseling services were identified:

- There is a difference between psychological counseling and psychotherapy.
- This difference lies specifically in the purpose and in the clientel of these two services.
- The practicing psychologist should be in condition to assume the role of the psychological counselor.
- One of the fundamental functions of the psychologist as such



is that of practicing psychological counseling.

- The practice of psychological counseling is based on the facts of theoretical psychology and on a growing experience of the actual professional as counselor.
- The role of the psychologist that our society most needs is that of counselor.
- The services of psychological counseling merit, in principle, priority over services of the psychotherapist.

The above mentioned aspects constitute the hypothesis of the study, which were tested by way of a questionnaire, applied in the class of psychologists, observing all the norms of sampling. Through the results obtained, likewise submitted to an appropriate statistical treatment and presented at the end of this study, are some conclusions in regards to the attitude of the professional psychologist in the presence of psychological counseling service.

Thus, this study tries to contribute in some way to a better comprehension and a greater consciousness of the significance and importance of the service of the psychological counselor in the midst of a class of psychologists as also, in the midst of actual society.



## INTRODUÇÃO

## 1. JUSTIFICATIVA

Quanto mais a gente se envolve com as atividades do aconselhamento psicológico, e procura um aprofundamento maior nesta área, mais a gente se convence da necessidade de contribuir, no sentido de que, a psicologia aplicada conquista o lugar que lhe convém na conjuntura atual da nossa sociedade, e de que o respectivo profissional se conscientiza daquilo que a sociedade pode esperar dele, referente ao seu bem estar.

A nossa realidade de hoje tende a se complicar do ponto de vista humano, decompondo-se em seus vários aspectos pela afluência do grande número de especialistas, colocando em risco a unidade existencial do ambiente humano. Especificando mais este fenômeno, diríamos que a própria pessoa do homem encontra dificuldades cada vez maiores, na identificação de seu ambiente, exatamente como sendo "seu", com aspectos pessoais e afetivos, levando conseqüentemente, a um certo grau de alienação, e isto se vinga necessariamente a longo prazo. Encontra dificuldades cada vez maiores na identificação de seus semelhantes, exatamente como "semelhantes seus" com comportamentos humanos de calor, de sensibilidade, de compreensão, levando-a por este motivo, a um certo grau de isolamento, o que provocará sem dúvida alguma, sentimentos negativos a médio prazo. Encontra dificuldades cada vez maiores na identificação de si mesma, exatamente como um ser "específico e único", o que dará margem a toda espécie de dúvida, de insegurança e de mal estar. É difícil a pessoa não se contaminar pelas idéias, lançadas interesseiramente pela

imprensa falada e escrita; pelas preferências e gostos, alimentados interesseiramente pela propaganda e a moda; pelo modo de viver, preconizado interesseiramente como sendo o mais indicado e moderno. Do outro lado, não é difícil compreender e perceber que essa massificação de idéias, essa diretividade preferencial e essa planificação vivencial, por mais sutis e menos perceptíveis que possam parecer, deserdam a pessoa na sua necessidade existencial de descobrir e avistar em tudo e em todos, um significado profundamente humano. Neste contexto faz sentido o comentário de R.D. Laing no seu livro "Psiquiatria em questão", quando diz: "Somos uma geração de homens muito afastados do mundo interior, que muitos argumentam que não existe; e que, mesmo que ele exista, não faz diferença. (...) Expressamos a agonia e o êxtase do coração num universo em que, quando o mundo interior é descoberto pela primeira vez, estamos sujeitos a encontrar a nós mesmos despojados e abandonados. Pois, sem o interior, o exterior perde seu significado, e, sem o exterior, o interior perde sua substância".

Foi a partir dessa reflexão que concebemos este trabalho final de mestrado: uma tentativa, por mais modesta que seja, de contribuir para que a psicologia aplicada consiga ocupar o seu devido lugar e o respectivo profissional se conscientize mais do seu papel na sociedade de hoje. Acreditamos que os serviços de aconselhamento psicológico constituem no momento atual a contribuição mais valiosa que a psicologia aplicada possa oferecer, atendendo às necessidades mais elementares das pessoas que fazem a nossa sociedade. Acreditamos ao mesmo tempo, que a tarefa fundamental do pro-

fissional que se identifica como psicólogo, é a de assistir a pessoa como tal nas sucessivas fases de desenvolvimento e auto-identificação.

Intitulamos o nosso trabalho como sendo: "O psicólogo diante dos serviços de aconselhamento psicológico", que rendo numa primeira parte de fundamentação teórica, levantar os itens indispensáveis para uma tomada de posição adequada por parte do profissional, e numa segunda parte de pesquisa de campo, testar a atitude concreta dos psicólogos diante deste tipo de serviço profissional. Por fim, confrontaremos os resultados da pesquisa com os dados teóricos da posição adequada, para chegarmos a determinadas conclusões.



## 2. OS OBJETIVOS

Não é sempre fácil traduzir em termos operacionais o que se pretende conseguir demonstrar através de um trabalho deste tipo. São muitos os aspectos a serem considerados e múltiplas as variáveis que devem ser identificadas. Para chegar a uma análise mais apropriada da tomada de posição que o psicólogo como profissional deverá ter, diante dos serviços de aconselhamento psicológico nos dias de hoje - considerando-se toda uma evolução, ainda em constante andamento-, procuraremos um fundamento teórico, através de um estudo da situação atual na área do aconselhamento.

Este estudo tentará destacar os seguintes aspectos, que ao nosso ver, são os mais importantes para o nosso objetivo:

- o significado do aconselhamento psicológico como tal e o seu desenvolvimento; o aconselhamento é um ramo da psicologia aplicada e como tal tem objetivos diretos e operacionais, dizendo respeito ao trabalho profissional.
- a relação entre o aconselhamento psicológico e a psicoterapia, destacando assim com maior ênfase, o objetivo do aconselhamento, que será, em última análise, o bem estar maior da pessoa e indiretamente, da própria sociedade.
- as bases filosóficas e teóricas, que sustentam todo tipo de aconselhamento, apresentando enfim, um esboço de uma posição teórica pessoal do aconselhador.

Esta consideração de caráter teórico, será de máxima importância, uma vez que a partir dela, estaremos em condições de levantar os elementos indispensáveis para a tomada de posição,



que será a mais indicada ao psicólogo, neste tipo de atuação profissional. Estes elementos constituirão as hipóteses de trabalho, que serão formuladas e, em seguida, testadas na pesquisa de campo. Deste modo, esperamos poder tirar algumas conclusões quanto à atitude dos psicólogos diante dos serviços de aconselhamento psicológico. Acreditamos que está sendo supervalorizada a psicoterapia como tal e que o aconselhamento psicológico está sendo visto quase, como um trampolim para a psicoterapia. O que chama a nossa atenção também, é a escassez relativa dos serviços de aconselhamento, levando em conta que este tipo de serviço deveria estar presente tanto no ambiente escolar, quanto na área do trabalho. É bem possível que isto se deva à falta de reconhecimento e de condições de trabalho por parte da própria sociedade e de seus dirigentes mas, será que os próprios profissionais estão conscientes da necessidade e da amplitude dos serviços de aconselhamento?

CAPÍTULO I  
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## A. CONCEITUAÇÃO DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO

### 1. ACONSELHAMENTO

É do conhecimento de todos que aconselhamento no sentido mais lato da palavra, implica numa "relação de ajuda". Torna-se, porém, necessária uma maior explicitação deste termo, para não cairmos num simplismo perigoso. Depois do surto da industrialização e do desenvolvimento galopante da tecnologia em todas as áreas de atividade humana, evidenciou-se a necessidade de uma assistência regular à própria pessoa humana. Os serviços de caráter social, hospitalar e profissional, os quais procuram de fato ir ao encontro de determinadas necessidades da pessoa, datam de modo geral do fim do século passado, quando estava em pleno desenvolvimento o processo da industrialização. E na medida em que estão sendo conquistados resultados, os mais maravilhosos, pela tecnologia da nossa era atômica, mais evidente ainda está se tornando o estado deplorável da pessoa humana como tal. Pelo muito que se programa, a pessoa corre o risco de ser programada. Pelo muito que se organiza, a pessoa corre o perigo de ser organizada. Pelo muito que se computa, a pessoa menos avisada sai computada! Vivemos numa época que se caracteriza pela aplicação do conhecimento científico, e pela introdução de uma tecnologia avançada em todas as partes. São bem oportunas as palavras de W.B. Yeats neste contexto, quando ele afirma: "O mundo visível deixou de ser uma realidade e o mundo invisível deixou de ser um sonho". A atenção se concentra no emprego de equipamentos automatizados nas comunicações, na indústria, no governo e na e

ducação a tal ponto, que se batizou esta época como a "era do computador" (Cousins, 1966, p.15). É numa era desta natureza, que a pessoa humana necessita, desde a infância até a velhice de um acompanhamento, pois, o progresso tecnológico traz em si um processo de desumanização, pouco perceptível e bastante lento mas, muito pertinente e quase inevitável, que faz com que a pessoa comece a se sentir infeliz e frustrada, muitas vezes não sabendo explicar o porque de sua infelicidade e descontentamento. De fato, a pessoa precisa de uma assistência, que lhe possibilite encontrar-se a si mesma e às outras pessoas, reconhecendo ao mesmo tempo o seu ambiente como um ambiente humano e sensível para não perder-se numa infelicidade e mal estar indefinidos. Afinal de contas, este fato não se constitui um enigma, pois, desde que lidamos com a pessoa humana, não existe mais a simplicidade das leis naturais. Ouçamos as palavras de Alfred North Whitehead: "Não temos de desconfiar dessa segurança pretenciosa, com que cada época se orgulha de ter encontrado afinal, os conceitos últimos que permitem definir e formular tudo quanto ocorre? O propósito das ciências consiste em buscar as explicações mais simples dos fatos mais complexos. Corremos o risco de cair no erro de pensar que os fatos são simples porque a simplicidade é a meta da nossa busca. O lema orientador deveria ser: procure a simplicidade e desconfie dela" (1968, p. 15). O que o ser humano procura, e o que faz com que ele se sinta feliz, não é antes de tudo, o ambiente funcional e organizado, mas sim, o ambiente de calor e sensibilidade humanas.

Muitos profissionais de diversas categorias estão se conscientizando cada vez mais, do fato de que nem sempre



basta o seu auxílio prático e técnico mas, de que é imprescindível que esta ajuda seja oferecida de modo pessoal e humano, e de que nem sempre apenas a solução como tal interessa mas sim, a maneira como tratar a pessoa em dificuldades. Daí que, essa "relação de ajuda", implícita em qualquer tipo de aconselhamento, terá as suas características próprias. Por assim dizer, um robot, por mais eficiente que seja, nunca estará em condições de dar aconselhamento, por faltar-lhe caracteres indispensáveis. A fim de conceituar essa "relação de ajuda", citaremos as palavras de Carl Rogers: "Meu interesse pela psicoterapia me levou a interessar-me também por todo tipo de relação de ajuda. Com estes termos quero indicar toda relação na qual pelo menos uma das partes procura promover no outro o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade e a capacidade de funcionar melhor e enfrentar a vida de modo mais adequado. O outro, neste sentido, pode ser um indivíduo ou um grupo. Em outras palavras, poderíamos definir a relação de ajuda, afirmando que é aquela em que um dos participantes procura despertar, em uma ou ambas as partes, uma melhor apreciação e expressão dos recursos latentes do indivíduo e um uso mais adequado destes" (1970, p. 43).

Essa conceituação de Carl Rogers já deixa bem claro que não é suficiente que o profissional, seja ele um assistente social, um médico, um orientador educacional ou um psiquiatra, traga apenas a sua ajuda técnica à pessoa em dificuldade ou em carência, mas o profissional deve estar consciente de que é necessário contribuir para o melhoramento da pessoa como tal, visando sempre a sua maior adaptação global. Estas profissões que implicam numa relação de ajuda, se dedicam a



uma atividade, cujo propósito é levar os outros a compreender, modificar ou enriquecer a sua conduta, de modo que se produza uma evolução. Estão interessados no comportamento das pessoas, - seu modo de viver, de sentir, de conhecer os outros - e nas suas atividades, motivações, idéias, respostas e necessidades. Este profissional não percebe as pessoas como "problema de conduta", mas como indivíduos que estão à procura do sentido da vida, que necessitam sentir-se bem consigo mesmos e com os outros, e responder eficientemente às exigências da vida.

Procuraremos algumas das características mais importantes da "relação de ajuda" a partir da conceituação das "profissões de ajuda" de Mc. Cully: "A profissão de ajuda se define como aquela, que baseada no seu conhecimento específico, aplica uma técnica intelectual aos problemas existenciais dos outros, com o objetivo de lhes permitir manejar com maior eficiência os dilemas e os paradoxos que caracterizam a condição humana" (1966, p. 912). Temos de compreender esta conceituação do seguinte modo: o profissional vai ao encontro das pessoas, que o procuram na qualidade de, vamos dizer, assistente social com o seu conhecimento, treinamento e habilidade específicos nesta área social, porém, o profissional sempre procurará entender a pessoa na sua totalidade, não fazendo abstração das demais dimensões inerentes à pessoa do cliente; ao contrário, esforçar-se-á para enquadrar a sua ajuda nas múltiplas facetas da vida do indivíduo, para que este se sinta assistido como fulano de tal, como pessoa e obtenha de um ou outro modo maior élan e moral para enfrentar-se a si mesmo e ao seu ambiente. Na hora em que a profissão de ajuda está sendo encarada como uma "especialização numa determinada

área" de modo exclusivo, e o profissional se comporta exclusivamente como tal, a pessoa do cliente estará repartida.

Dai entendemos porque Mc. Cully faz referência aos problemas existenciais da pessoa. Qualquer problemática de uma pessoa, seja de caráter social, educacional ou medicinal, tem a sua dimensão existencial. É nesta perspectiva que o mesmo autor chega a identificar as duas características, que distinguem as "profissões de ajuda" das demais profissões. Para ele a primeira consiste em que, ao aplicar a sua técnica intelectual aos problemas existenciais dos demais, o profissional não pode fazê-lo de modo inteiramente científico (Não há regras externas seguras para a solução dos problemas existenciais) e a segunda inferência é que, no caso das profissões de ajuda, a obrigação de beneficiar e não prejudicar é muito maior do que nas outras profissões (1966).

O profissional que está consciente de sua tarefa de atender as pessoas no campo específico de sua especialização, não encontrará dificuldades de reconhecer nas perguntas formuladas por Carl Rogers, quando este procurou analisar a "relação de ajuda", todo um programa de constante revisão e atualização para chegar a uma eficiência cada vez maior no seu trabalho profissional. Vejamos:

- Poderei conseguir ser de uma maneira que possa ser apreendida pelo outro como merecedora de confiança, como segura ou consistente no sentido mais profundo do termo?
- Poderei ser suficientemente expressivo para que a pessoa que sou, se possa comunicar sem ambiguidades?
- Serei capaz de ter uma atitude positiva para com o outro - atitudes de calor, de atenção, de interesse e de respeito?

- Serei como pessoa suficientemente forte para diferenciar-me do outro?
- Estarei suficientemente seguro no interior de mim mesmo para permitir ao outro ser independente?
- Poderei permitir-me entrar completamente no mundo dos sentimentos e das concepções pessoais e vê-lo como a outra pessoa o vê?
- Poderei aceitá-la como ela é? Poderei comunicar-lhe esta atitude?
- Serei capaz de agir com suficiente delicadeza na relação para que o meu comportamento não seja captado com uma ameaça?
- Poderei libertá-lo do receio de ser julgado pelos outros?
- Serei capaz de ver o outro como uma pessoa em processo de transformação, ou me sentirei limitado pelo meu passado e o dele? (1970, p. 53 - 59).

## 2. ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO

No parágrafo anterior, vimos como em todas as profissões de ajuda existe a dimensão humana, e que tal profissional tem de possuir uma visão adequada desta condição, para atender a pessoa na sua integralidade, e não como um ser repartido em várias facetas. O aconselhamento psicológico, já pelo fato de ser aconselhamento, implica nesta relação de ajuda com todas as suas características inerentes. Porém, esta relação de ajuda, uma vez que se trata do aconselhamento sob um prisma explicitamente psicológico, poderá ser caracterizada do seguinte modo:



- a. Será uma relação de ajuda, estabelecida por uma pessoa com conhecimentos psicológicos específicos. Ela estará ao par de certos dados científicos, por parte da psicologia do desenvolvimento, da percepção, da aprendizagem e da personalidade. Torna-se evidente, que o aconselhamento psicológico é um ramo específico da psicologia aplicada, e como tal receberá grandes contribuições das vivências e experiências práticas de seus respectivos profissionais. Será uma relação de ajuda oferecida por uma pessoa com um treinamento específico e com certas habilidades, devidamente desenvolvidas. Será, por assim dizer, um especialista nesta relação de ajuda por sua formação particular.
- b. Será uma relação de ajuda, na qual esta ajuda é trazida através de métodos e técnicas psicológicas, devidamente desenvolvidas, a partir de dados científicos da psicologia teórica. O profissional tomará atitudes diante do seu cliente, que serão justificadas científica e psicologicamente e como tais terão resultados mais garantidos.
- c. Será uma relação de ajuda, na qual a ajuda oferecida será de índole psicológica, isto é, visa fundamentalmente uma melhor adequação da pessoa do cliente consigo mesmo, com as demais pessoas que o cercam e com o ambiente no qual está situado. Será, portanto, uma ajuda que vai ao encontro da pessoa como um ser único, que terá de manter-se e de realizar-se na sua integralidade. O aconselhamento psicológico difere das demais profissões de ajuda, não apenas pela qualificação específica do profissional, ou pela metodologia aplicada mas, antes de tudo, por encarar a pessoa como tal. As demais profissões de ajuda acentuam, necessariamente

te uma ou outra faceta particular, seja ela a social, a educacional ou a medicinal.

Especificando assim a relação de ajuda, existente no aconselhamento psicológico, evidenciamos uma conceituação do mesmo, sem que esta conceituação tenha algum compromisso com uma ou outra posição entre os vários tipos de aconselhamento psicológico, existentes nesta área da psicologia aplicada.

São muitas as definições que encontramos a respeito do aconselhamento psicológico. Cada teórico nesta área apresenta a sua, onde demonstra ao mesmo tempo, as características de uma determinada posição quanto à natureza do aconselhamento psicológico, quanto às funções do aconselhador e quanto à finalidade ou às metas a serem atingidas. Os autores B. Shertzer e S.C. Stone, no seu livro "Manual para el asesoramiento (Counseling)", mostram que é possível, através da análise das várias definições, obter uma idéia do desenvolvimento que se deu no campo do aconselhamento psicológico. Seguiremos o roteiro destes autores: (1972, p.44 - 45):

1. "No início dava-se um maior enfoque aos aspectos cognitivos (fazer interpretações de fatos), enquanto que hoje em dia as definições acentuam também as experiências afetivas (estabelecer algum significado pessoal desta conduta)".

Sabemos que uma das origens do aconselhamento psicológico foram os serviços de seleção e orientação profissionais; estes serviços por sua vez, surgiram da necessidade de uma maior racionalização quanto à mão de obra devido ao processo de industrialização, e conseqüentemente da procura crescente das pessoas de se orientar melhor no mercado do trabalho. O que pre



dominava tanto na área de seleção quanto na área de orientação, era a preocupação de fornecer informações objetivas a respeito do trabalho e das tarefas, como também a respeito das pessoas para uma adaptação mais rápida e satisfatória. E isto tanto por parte do empregador, quanto por parte do futuro empregado. Esta mesma tendência de caráter pragmático e racional era encontrada nos crescentes serviços de assistência social e hospitalar, durante as primeiras décadas deste século: outra origem histórica do aconselhamento psicológico. Atualmente, uma das escolas mais típicas dentro da área do aconselhamento psicológico, que revela claramente esta tendência é a de "traço e fator" de E.G. Williamson. No ponto oposto encontramos a colocação de Carl Rogers, que se mostra averso a qualquer tipo de informação objetiva, tendo em vista que a pessoa dispõe de todos os requisitos necessários para uma auto-orientação, desde que ela esteja num funcionamento psicológico ótimo. O meio termo entre estas posições bastantes opostas, seria o tipo de aconselhamento eclético de Carkhuff, que fala dos cinco níveis de funcionamento e que permite consequentemente, tanto a necessidade de informações de caráter objetivo, quanto a necessidade de informações de caráter subjetivo, isto é, a respeito da pessoa em questão, sempre em conformidade com o grau maior ou menor das condições de facilitação.

2. "Inicialmente as definições identificavam o aconselhamento como uma relação diática, enquanto as definições atuais se referem geralmente a mais de um aconselhando".

Uma das primeiras definições que se referiu à possibilidade de um aconselhamento psicológico em grupo, é de Carl Rogers, quando ele afirma que o "outro" numa relação de ajuda pode ser um in-

divíduo ou um grupo. Um ponto bastante discutido até o momento é, se de fato, as técnicas de grupo correspondem ou atendem aos objetivos específicos do aconselhamento psicológico como tal, principalmente quando se trata de grupo artificialis, os quais podem ter o seu valor no sentido de "treinamento", ou então no sentido de uma contribuição de caráter já psicoterápico. ... A questão fica um pouco diferente, quando se trata de grupos naturais, uma vez que nada está sendo forçado e o indivíduo está dentro do seu ambiente.

3. "Todas as definições formulam ou supõem que o aconselhamento psicológico é um processo. A noção de processo (todo fenômeno que mostra uma modificação continuada ao longo do tempo) implica que o aconselhamento não é um acontecimento único mas, que supõe ações ou/ e práticas que se dão numa sequência e que progridem em direção a uma meta".

O que evoluiu no campo de aconselhamento, foi principalmente a idéia do processo de aconselhamento. Enquanto anteriormente o processo estava diretamente ligado aos serviços de aconselhamento, hoje em dia se dá maior ênfase à dinâmica de vida que já existe; o processo está vinculado ao próprio indivíduo que, se encontrando em serviços de aconselhamento, está em contínua adaptação consigo mesmo, com os seus semelhantes e com o seu ambiente. O processo de evolução é contínuo, enquanto a assistência do aconselhador é temporânea e sempre de acordo com a fase de desenvolvimento do aconselhando. Em outras palavras, o aconselhamento é um processo passageiro, adaptado sempre a um processo de desenvolvimento contínuo e individual, e será, exatamente por este motivo, de caráter

preventivo e facilitador, uma vez que a meta do processo de desenvolvimento é a auto-realização, o bem estar e o alto grau de ajustamento da pessoa. Daí que o processo do aconselhamento psicológico como tal, não tem começo nem fim. Esta visão do processo do aconselhamento psicológico mostra algumas características novas, as quais não encontramos nas definições de alguns anos atrás. Voltaremos a este tema mais adiante.

4. "As definições especificam geralmente que o aconselhamento implica numa relação e que a mesma se caracteriza pelo calor, a tolerância, a compreensão, a aceitação, etc."

Durante os últimos decênios tornou-se cada vez mais evidente a importância do estabelecimento de um rapport satisfatório entre aconselhador e aconselhando, na medida em que se procura socorrer ao cliente na sua unicidade de pessoa, e indiretamente ao próprio grupo e sociedade. É essencial que a pessoa do cliente chegue a uma maior identificação de suas ações, de sua escala de valores e de seu meio ambiente, ameaçada que ela está num mundo de uma robotização e mecanização cada vez maiores. As muitas verificações experimentais quanto à importância e à eficiência de um alto grau de "condições facilitadoras", executadas e analisadas por autores como Robert R. Carkhuff e Charles B. Truax, falam por si (1965, 1967, 1968).

5. "Algumas definições descrevem os participantes: o aconselhador como um profissional ou como alguém mais maduro ou em posse de um conhecimento específico; o cliente como perturbado, ansioso ou frustrado".

A necessidade de que a pessoa do aconselhador seja alguém



com conhecimentos específicos, com um treinamento adequado e com certa habilidade para lidar com a pessoa do cliente, nos parece evidente, apesar de uma tendência atual de superestimar unilateralmente as condições facilitadoras, admitindo a possibilidade de aconselhadores "leigos". A posição tomada por muitos dos participantes do XVIII Congresso Internacional de Psicologia Aplicada, reunidos em Montreal no ano de 1974, reforça a análise anteriormente feita, referente às implicações da relação de ajuda, implícita no aconselhamento psicológico (1975).

6. "A maioria das definições indicam o efeito do aconselhamento como sendo a melhora ou a mudança da conduta do cliente".

Acreditamos que quanto à finalidade do aconselhamento psicológico como tal, as divergências são bastante irrelevantes. Porém, a maneira de encarar o processo que leva o cliente a um nível mais satisfatório de ajustamento é uma questão mais delicada. Muitos definem o aconselhamento como um processo educativo ou um processo de aprendizagem, enquanto outros querem ampliar algo mais esta conceituação, sem querer discutir a veracidade da afirmação precedente. Para estes últimos, o processo do aconselhamento psicológico, exatamente por sua finalidade, teria as dimensões de "formação", "conscientização", "acompanhamento", "solidarização", dimensões estas que escapam à teorização da aprendizagem como tal. C. Dinkmeyer afirma: "O que parece acontecer com os clientes em aconselhamento, é uma questão de organização da personalidade, exigindo conceitos mais latos de aprendizagem, do que os que a maioria das teorias atuais de aprendizagem costumam empregar".



(1968, p. 228). Este tema será mais bem focalizado quando tratarmos dos modelos teóricos, subjacentes à prática do aconselhamento psicológico.

Agora estamos em condições de citar os elementos essenciais do aconselhamento psicológico:

- a) trata-se de um campo da psicologia aplicada;
- b) requer a presença de uma pessoa devidamente qualificada;
- c) diz respeito a um acompanhamento ou assistência de uma pessoa no seu processo de auto-evolução;
- d) será de caráter eminentemente preventivo e passageiro;
- e) será um serviço, presente em toda área de atividade humana.

Por fim, nós nos identificamos mais com a definição de B. Shertzer quanto ao aconselhamento psicológico: "O aconselhamento é um processo de interação que facilita uma compreensão significativa do eu e do ambiente e dá como resultado o estabelecimento e/ou esclarecimento das metas e dos valores, tendo em vista o comportamento futuro (1972, p. 46).

### 3. ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO

Já vimos que uma das origens do aconselhamento psicológico foram os serviços de orientação profissional ou vocacional. Nos dias de hoje, porém, prefere-se não mais falar em orientação vocacional, mas sim, em aconselhamento vocacional. Esta modificação não ocorre na área vocacional, como apenas também em outras áreas, por exemplo, na orientação familiar, matrimonial e profissional. Para compreendermos esta preferência de emprego terminológico, temos de analisar que mudança

se deu na fundamentação teórica dos citados serviços.

Os primeiros serviços de orientação vocacional visaram, antes de mais nada, proporcionar às pessoas, que estavam na preparação ou no início de sua caminhada pelo mundo do trabalho, as informações indispensáveis e as mais completas, referentes ao mercado de trabalho em geral, às diversas oportunidades profissionais em particular, às exigências inerentes de cada profissão e aos meios mais eficientes de chegar ao emprego almejado. A orientação dada era de caráter puramente objetivo e informativo.

Em seguida, com o aparecimento e a ampliação dos dados da psicometria e, paralelamente, com a procura mais específica de mão de obra qualificada e especializada, - devido a um desenvolvimento industrial e tecnológico, sempre crescente, - os serviços de orientação vocacional, além de fornecer todas as informações possíveis quanto ao mundo do trabalho, começaram a destacar também a importância dos dados referentes ao próprio candidato, quanto às suas aptidões e capacidades, nível de inteligência e interesses, traços de personalidade. Ao mesmo tempo evidenciou-se a necessidade de analisar as diversas profissões nos seus aspectos mais variados, tanto ocupacionais e técnicos, quanto ambientais e higiênicos, para estabelecer as implicações existentes e referentes às qualidades e disposições por parte do candidato. A orientação vocacional procurava nesta altura, por assim dizer, descobrir a correlação mais positiva possível entre as potencialidades e capacidades do indivíduo e o caminho a ser tomado por ele pelo labirinto do mundo do trabalho. Em outras palavras, dominava a vontade de oferecer ao candidato as informações necessárias para ele conhecer melhor as opor-

tunidades profissionais de um lado, e as suas próprias possibilidades e limitações do outro lado, e isto tendo em vista a adaptação da pessoa ao mundo do trabalho.

Intimamente ligado à evolução que se dava na área da orientação vocacional e que estamos seguindo passo a passo está o movimento novo na área da psicologia clínica. A orientação psicanalítica dominava por completo esta última área, até os primeiros anos da década de '40 a '50, destacando a importância do diagnóstico e da capacidade de interpretação de fatos do passado por parte do profissional. Surgiu a orientação de caráter psico-dinâmico, focalizando as vivências e as experiências da pessoa no "aqui e agora", estando o profissional preocupado em tomar como ponto de partida, o quadro de referência do próprio indivíduo e em proporcionar à pessoa as condições favoráveis de crescimento e de auto-evolução. Um dos produtos deste novo enfoque da pesquisa e prática psicológicas foi o livro de Carl Rogers, intitulado "Counseling and Psychotherapy", publicado no ano de 1942. Esta nova orientação, oriunda da área da psicologia clínica, e as numerosas pesquisas e contribuições que a acompanharam, provocaram também um impacto na área da orientação vocacional (Super, 1956). Os orientadores começaram a se conscientizar do significado da relação: orientador versus orientado e do significado da entrevista psicológica como tal com seus recursos valiosos e muito variados. Compreenderam que é de suma importância que a ajuda seja dada à pessoa como tal, não visando apenas a adaptação do candidato ao seu mundo de trabalho, mas sim, procurando antes de tudo, o desenvolvimento dos recursos naturais da pessoa. A pessoa do orientando deve ser vista na sua totalidade, pois, a



unidade da personalidade deve ser salvaguardada. O orientado<sup>m</sup> precisa ser ajudado na sua capacidade de adequação, de adaptação global e de crescimento maior. Os problemas de trabalho, de escolha profissional, de afirmação dentro do mundo do trabalho afetam a pessoa no seu todo e é exatamente o aconselhamento psicológico que visa esta adaptação, isto é, da pessoa consigo mesma, com o seu meio ambiente e com as demais pessoas Este aconselhamento, o qual se realiza principalmente através da entrevista psicológica propriamente dita, tem, portanto, como objetivo primordial a pessoa, não o problema como tal, ou então, o problema enquanto diz respeito à pessoa; tem como objetivo a adaptação global da pessoa, porque qualquer adaptação específica da pessoa em uma ou outra área estará subordinada à sua capacidade de adaptação global ou à sua capacidade de situar-se diante de si, dos outros e de seu meio ambiente. Foi por este motivo que no ano de 1952, quando se criou o termo de "Counseling Psychology" (aconselhamento psicológico) e "Counseling Psychologist" (aconselhador psicológico), se sugeriu a substituição do termo "orientação vocacional" pelo termo "aconselhamento vocacional". Aconselhamento, porque o desenvolvimento da pessoa está em primeiro plano; vocacional, porque o aconselhador trabalha normalmente entre um determinado grupo de pessoas, as quais, por estarem numa mesma fase de desenvolvimento, apresentam, na maioria das vezes, problemáticas do mesmo gênero, no caso de ordem vocacional. O psicólogo, atendendo a problemática específica apresentada procurará contribuir para uma melhor adaptação global do indivíduo, para a sua melhor auto-identificação, condição indispensável para a solução gradativa do problema imediato. Por este motivo, o a



conselheiro deverá estar ao par também, de todas as implicações das problemáticas de caráter vocacional.

É nesse contexto que se enquadram bem as palavras de McCully (1957), quando ele diz que o aconselhador vocacional deve ir mais longe do que lidar simplesmente com fatos e informações numa base lógica e racional, levando em conta também as percepções e as motivações do aconselhando e assistindo-o, se necessário for, para clarificar, aceitar ou modificar os seus sentimentos e atitudes. Muito elucidativas são também as observações de Albert Thompson, quando diz: "O aconselhador deve determinar se os problemas vocacionais presentes são problemas de ordem central ou sintomática, e por que razão o cliente é incapaz de resolver o seu problema. O aconselhador reconhece que os clientes diferem nas suas necessidades de aconselhamento e ele situa os objetivos e adapta os seus métodos em conformidade com este dado, tendo em mente o objetivo último, que é o crescimento do cliente como tal, o qual será, por sua vez, a solução da problemática imediata do cliente" (1960, p. 35).

Portanto, a orientação vocacional deve ser entendida como um serviço que visa especificamente à adaptação da pessoa, quanto à sua carreira profissional. Aqui poderíamos citar a definição dada pelo "Occupational Information and Guidance Service of the U.S. Office of Education", o qual estabelece ser a orientação vocacional "o processo de fazer o indivíduo descobrir e utilizar os seus dotes naturais, e tomar ciência das fontes de treinamento disponíveis, para que possa viver de modo a tirar o máximo proveito para si e para a sociedade" (1956, p. 262). Explicitando o termo 'aconselhamento

vocacional' poderíamos dizer o seguinte: o aconselhamento como tal refere-se ao serviço que procura levar o indivíduo a uma maior auto-identificação ou, afastar determinados obstáculos que a pessoa encontra no seu esforço de auto-evolução; o carácter vocacional deste serviço de aconselhamento, porém, é proveniente do fato de que uma determinada classe de pessoas, que procuram o profissional, é formada de indivíduos na fase da adolescência, onde os problemas imediatos apresentados são: dúvidas e aspirações profissionais, curso e ramo de especialização e atitudes indefinidas.

Esta nova conceituação do aconselhamento vocacional substitui os antigos conceitos e métodos, originários da orientação profissional conforme a visão de Parsons e seus seguidores e de acordo com a teoria traço e fator, pelas idéias de um trabalho "mais sensível à unidade da personalidade, mais sensível às pessoas do que aos problemas, pois que o problema de adaptação a um aspecto da vida, está em relação com todos os outros", como observa Super (1955<sup>a</sup>, p. 217). Podemos situar aqui Bordin, quando ele acentua a importância do aprofundamento do estudo das necessidades básicas individuais, mobilizadas na escolha profissional, tais como: gratificação pessoal, redução de ansiedade, identificação com a personalidade do profissional (1955). E outro teórico, de grande destaque, está dentro desta mesma linha, que é o Bohoslavsky (1971) destacando a necessidade do adolescente de se identificar com os seus interesses, aspirações e motivações, através da elaboração de sua identidade pessoal. Não é possível chegar a uma identificação profissional satisfatória, sem que haja uma identificação pessoal suficiente.

Por fim, gostaríamos de expor, de modo resumido, o pensamento de Super (1967), referente à escolha profissional para demonstrar como as dimensões do serviço de aconselhamento psicológico estão na base de todo o serviço de 'orientação profissional'. Para este autor a escolha profissional é um processo de desenvolvimento, levado a cabo durante vários anos, sendo irreversível, por causa das aquisições, da experiência que provocam modificações individuais e presupondo um compromisso entre os interesses, capacidades, valores, oportunidades e limitações individuais. Os critérios para um aprofundamento dos estudos do desenvolvimento profissional, propostos por Super e que revelam a necessidade do serviço de aconselhamento como tal, são os seguintes:

- a escolha e a adaptação profissional constituem um processo contínuo, decorrendo paralelamente ao da evolução do indivíduo, ressaltando-se a importância do auto-conceito e das experiências de cada indivíduo, que trazem modificações nas preferências e competências profissionais;
- tal processo pode ser decomposto numa série de fases executivas, desde as exploratórias até as de estabilização;
- a passagem das diversas fases do desenvolvimento profissional pode ser orientada pela ajuda ao processo de maturidade das aptidões, dos interesses e do desenvolvimento do auto-conceito;
- o desenvolvimento profissional seria um compromisso entre os fatores individuais e sociais, entre o auto-conceito e a realidade;

Foi a partir desta modificação substancial na fundamentação teórica dos serviços de 'orientação profissional',



que se tornou evidente a importância básica do aconselhamento psicológico como tal, pois, toda a orientação, dada à pessoa referente às suas problemáticas imediatas, terá de ter como base ou fundamentação, a assistência à pessoa como tal, isto é, na unidade e na unicidade de seu modo de ser peculiar, o que visa exatamente o aconselhamento psicológico. Daí que os serviços de aconselhamento psicológico se demonstraram indispensáveis para qualquer área de atividade humana, para as pessoas de qualquer faixa etária e para a solução das problemáticas imediatas de qualquer fase de desenvolvimento. Em outras palavras, o que se demonstrou com toda clareza para a área da 'orientação profissional', será válido também para as demais áreas de orientação como: 'orientação sexual', 'orientação familiar', 'orientação matrimonial', 'orientação religiosa' e outras.

O resultado mais importante deste movimento de renovação foram uma melhor compreensão do processo do aconselhamento psicológico como tal e um crescente cuidado na preparação do aconselhador psicológico.

#### 4. ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO E PSICOTERAPIA

Até o ano de 1942 não se conhecia ainda a controvérsia que há atualmente: se existe ou não uma diferença substancial entre o aconselhamento psicológico e a psicoterapia. E o motivo é muito simples. A psicoterapia se apresentava predominantemente como de caráter psicanalítico, tendo como sua fundamentação teórica, o sistema freudiano com o seu dado mais brilhante: a atuação direta do inconsciente sobre o



comportamento humano e com o seu ponto de partida: as diversas modalidades de quadros psicopatológicos. O aconselhamento psicológico, do outro lado, estava montado de modo geral, na teoria do traço e fator de Williamson, predominando consequentemente, a linha de aconselhamento de caráter cognitivo e diretiva, voltado mais especificamente para a área educacional e vocacional. É compreensível que nesta altura não surgia nem a idéia de comparar os dois ramos da psicologia aplicada, tendo cada um uma fundamentação teórica e uma área de atuação bem distintas. Vale ainda destacar que o aconselhamento psicológico até aquela data não estava sendo identificado como uma área específica, ligado que estava diretamente à orientação educacional e vocacional.

Quando Carl Rogers no ano de 1942, com a publicação de seu livro "Counseling and Psychotherapy", lançou as suas idéias relativas às várias atitudes possíveis, por parte do profissional frente ao cliente, para levar o processo terapêutico adiante com resultados positivos, expressando ao mesmo tempo os primeiros elementos de sua teoria de personalidade, foi dado o início a uma possível indiferenciação entre os serviços de aconselhamento psicológico e os serviços de psicoterapia. Com o desenvolvimento da posição rogeriana, tornou-se evidente que a fundamentação teórica para qualquer tipo de assistência psicológica, referente à pessoa humana, pode ser uma só e que a maneira de como levar adiante o processo terapêutico também pode ser basicamente a mesma. Daí que para Carl Rogers, não existia necessidade alguma de fazer distinção entre a psicoterapia e o aconselhamento psicológico.

Sem dúvida, a questão não é tão simples assim. Mesmo

que a fundamentação teórica possa ser a mesma para os dois ramos da psicologia aplicada e mesmo que as técnicas ou atitudes, a serem empregadas no decorrer do processo terapêutico, possam ser basicamente as mesmas ou idênticas nos dois tipos de serviços, sempre fica em pé que, tanto os objetivos a serem atingidos, quanto a profundidade das problemáticas, podem ser diferenciadas nitidamente. É por este motivo que acreditamos que estes dois aspectos: o objetivo e a problemática são elementos mais característicos, quando se pensa em diferenciar a conselhamento psicológico de psicoterapia.

De qualquer modo, a linha rogeriana abriu novos horizontes, tanto para os profissionais na área da psicoterapia, quanto para os da área do aconselhamento psicológico. Patterson (1966), que procurou tomar uma mesma atitude que Carl Rogers, não diferenciando, portanto, os dois tipos de serviços de modo substancial, encontrou maiores dificuldades para não permitir esta diferenciação quanto aos problemas, apresentados pela clientela dos serviços de aconselhamento psicológico e pelos pacientes dos serviços de psicoterapia. No aconselhamento psicológico apresentam-se problemáticas mais especificamente de caráter situacional ou interpessoal, e isto, em pessoas, não diretamente perturbadas por problemas de caráter intrapessoal, mas antes, em pessoas, passando por determinadas fases de crises ou de transição e em pessoas com um funcionamento psicológico regular, e não desprovidas de seus recursos naturais. Portanto, sendo a clientela, pela problemática apresentada, bastante diferenciada nos serviços de aconselhamento da clientela nos serviços de psicoterapia, que serão pessoas com problemas de caráter predominante intrapessoal e com um

funcionamento psicológico seriamente comprometido, os objetivos a serem atingidos pelos dois tipos de serviço profissional, serão consequentemente bastante diversos, visando o aconselhamento psicológico mais a prevenção de complicações maiores, que poderiam levar a pessoa a criar problemáticas de caráter nitidamente intrapessoal, as quais por sua vez, perturbam toda a organização psicológica da pessoa, que nesta altura já precisaria de uma intervenção de caráter curativo, o objetivo mais específico dos serviços de psicoterapia.

Como Lewis (1970) nos afirma, a tendência atual é fazer distinção entre o aconselhamento psicológico e a psicoterapia. Também a diferença, apontada pela American Psychological Association em 1961, é muito significativa: o aconselhamento psicológico se diferencia da psicoterapia por centralizar-se nas potencialidades e nos aspectos psicologicamente saudáveis do indivíduo, na utilização dos recursos do ambiente, nas auto-percepções, nos planos que devem ser postos em prática pelo indivíduo no sentido de desempenhar um papel social produtivo. Quando analisamos a definição de Wolberg: "A psicoterapia é o tratamento, por meios psicológicos, de problemas de natureza emocional, no qual uma pessoa treinada, estabelece deliberadamente uma relação profissional com o paciente, objetivando remover, modificar ou retardar sintomas existentes de padrões de comportamento perturbados e promover o crescimento e o desenvolvimento da personalidade", (1967, p.43) vemos que, no caso, há referência a um paciente, enquanto no aconselhamento psicológico se fala de preferência de cliente; e quanto à problemática, trata-se de padrões de comportamento perturbados que requerem, por conseguinte, uma atuação de caráter curati-



vo ou corretivo.

Brammer e Shestrom (1960) conceituam também o aconselhamento psicológico em termos de prevenção, de apoio, de situação, uma vez que este serviço está voltado para a solução de problemas e lida com material consciente, enfatizando os aspectos de normalidade, enquanto a psicoterapia é remediadora e reconstrutiva, voltada para a exploração em profundidade, focalizando o inconsciente, enfatizando o neurótico e outros problemas emocionais.

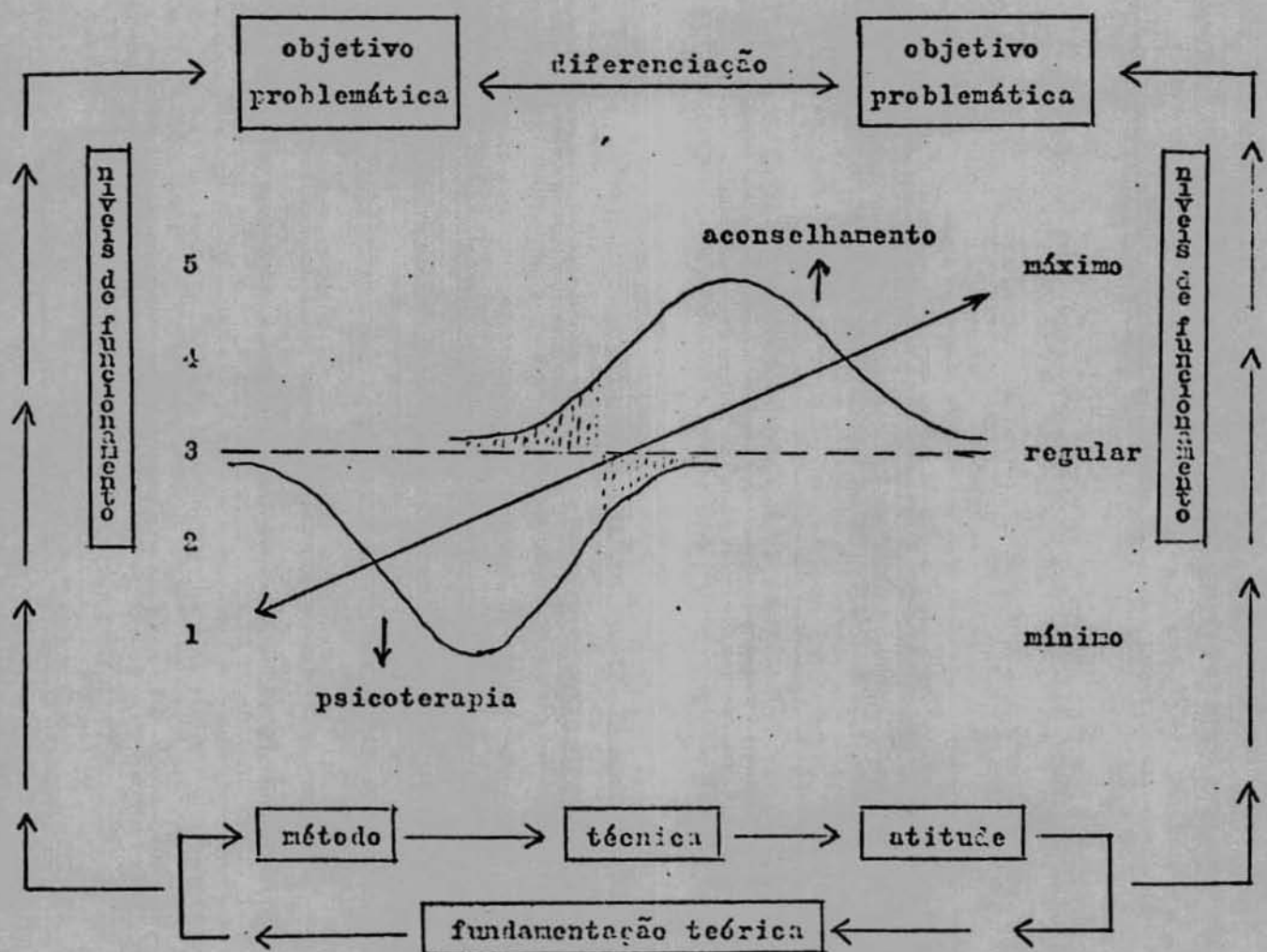
Principalmente a linha desenvolvimentista na área do aconselhamento psicológico (Tyler, Blocher, Super) acentuam muito a diferença entre os dois tipos de serviço em termos de objetivos: no aconselhamento, a meta é facilitar a realização adequada das opções, das quais dependem o desenvolvimento posterior do indivíduo, procurando promover a auto-realização através de escolhas acertadas. Assim, por exemplo, a escolha profissional é encarada como um processo e não como um momento de decisão. A psicoterapia só será empregada quando o indivíduo não dispõe de condição de ajustamento, necessária para realizar escolhas. Blocher (1966) especifica mais a questão, definindo o objetivo do aconselhamento psicológico do seguinte modo: a maximização da eficácia humana que abrange as seguintes dimensões, 1. estruturação e implementação ao papel social em termos produtivos; 2. desenvolvimento dos comportamentos adaptativos as situações criadas pelas exigências do papel social; 3. superação das tarefas evolutivas, características das várias etapas vitais.

As demais diferenças, as vezes apontadas, são de modo geral consequências já da diferenciação feita no objetivo



e na problemática apresentada, como por exemplo: a duração e o nível de profundidade do processo terapêutico, o ambiente em que se encontram normalmente os dois tipos de serviço e a conotação de grau maior ou menor de gravidade.

Apresentaremos em seguida um esquema para melhor visualizar o que acreditamos ser a posição diferenciada do aconselhamento psicológico frente a psicoterapia:



Os pontos que se destacam numa análise deste esquema, são os seguintes:

1. O aconselhamento psicológico se diferencia mais especificamente da psicoterapia pelo seu objetivo, como pelo tipo

de problemática:

1. o objetivo do aconselhamento será a facilitação do desenvolvimento da pessoa, a remoção de obstáculos;  
o objetivo da psicoterapia será a reeducação ou a reorganização terapêutica da personalidade;  
A problemática com que lida mais comumente o aconselhamento psicológico, será de caráter situacional e interpessoal; a problemática com que lida mais comumente a psicoterapia, será de caráter intrapessoal e diz respeito a padrões de comportamento deturpados.
2. O aconselhamento psicológico se diferencia menos especificamente da psicoterapia pela fundamentação teórica como pelos métodos e técnicas empregadas, as quais podem ser as mesmas para os dois tipos de serviço.
3. Existe um certo grau de superposição quanto ao campo de atuação do aconselhamento psicológico e da psicoterapia. Isto evidencia que de fato, a diferenciação não é absoluta: a problemática não é sempre predominantemente situacional ou interpessoal e o objetivo nem sempre nitidamente facilitativo; ou a problemática não é sempre predominantemente intrapessoal e o objetivo nem sempre nitidamente reeducativo. Daí que muitos afirmam que a diferença, existente entre o aconselhamento psicológico e a psicoterapia, é de caráter gradativo.
4. A esquematização quer evidenciar também, como a psicoterapia trabalha na profundidade, procurando quebrar o circulo vicioso em que se encontra a pessoa, para em seguida levá-la a um grau de funcionamento psicológico regular, visando portanto, a recuperação da pessoa e sendo de caráter

curativo. O aconselhamento psicológico, ao contrário, trabalha no sentido de aumentar o grau de funcionamento psicológico da pessoa para muito satisfatório, desenvolvendo os dotes e recursos naturais da pessoa e sendo de carácter facilitativo e preventivo.

5. Na medida em que há comprometimento quanto ao funcionamento psíquico do indivíduo, mais a pessoa precisará da ajuda dos serviços da psicoterapia, isto significa que os aspectos de anormalidade são tratados na área da psicoterapia, até que a pessoa se torne insensível para qualquer tipo de psicoterapia, pelos quadros altamente psicopatológicos. Do outro lado, a pessoa com um funcionamento psíquico regular, mas em fase de crise ou transição, terá necessidade dos serviços de aconselhamento psicológico, até que ela chegue a um funcionamento psíquico ótimo, pois, assim, dificilmente haverá ainda necessidade de ajuda psicológica de qualquer tipo.
6. Neste esquema se enquadra perfeitamente a posição eclética ou multidimensional de Carkhuff (1967a), quando ele fala dos cinco níveis de funcionamento psíquico, apresentando em grau maior ou menor as condições de facilitação, necessárias para a devida comunicação, para que ocorra uma interação satisfatória.
  - no primeiro nível de funcionamento estão as pessoas, seriamente perturbadas, que perderam o contacto com o mundo exterior e que não são capazes de estabelecer um relacionamento construtivo com pessoa alguma. O objetivo da terapia será de tentar reestabelecer o contacto com o meio ambiente, inicialmente em nível bem concreto co-



no o contato físico e procurar gradativamente desenvol-  
ver este contacto em níveis mais elevados.

- no segundo nível de funcionamento está a pessoa que se  
comunica razoavelmente através de padrões sociais, po-  
rém, ela está sufocada por distorções do seu mundo su-  
posto, o que acarreta dificuldades constantes e a pren-  
den numa desarmonia contínua com as demais pessoas. As  
distorções da pessoa deterioram as interrelações com tu-  
do e com todos, embora o bom relacionamento seja o que  
ela deseja mais. O terapeuta procurará ajudar o cliente  
a clarear a situação e a modificar as distorções, exis-  
tentes na sua comunicação.
- no terceiro nível de funcionamento já encontramos situa-  
ções bem diferentes. Aqui já podemos falar antes em  
aconselhamento psicológico do que em psicoterapia. Ge-  
ralmente, a pessoa é um indivíduo adequadamente ajusta-  
do, que se comunica bem com o seu meio ambiente. Numa  
determinada altura, porém, sofre uma pressão, provenien-  
te de uma situação em que se encontra. O que a pessoa  
espera do aconselhador é uma assistência direta afin de  
chegar a uma escolha certa ou afin de tomar a atitude  
mais acertada.
- as pessoas do quarto e do quinto níveis dificilmente en-  
contramos entre os nossos clientes e quando isto aconte-  
ce, a demanda é aos serviços de aconselhamento psicoló-  
gico, tratando-se, de modo geral, de situações de crise  
e de acontecimentos imprevistos.



## B. AS BASES TEÓRICAS DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO

Estando o aconselhamento psicológico situado dentro do parâmetro da psicologia aplicada, é evidente que predomina a preocupação de desenvolver mais explicitamente a eficiência dos métodos e técnicas, empregadas no processo terapêutico e isto através de estudos e pesquisas que visam primordialmente o aperfeiçoamento e a ampliação do "equipamento" por meio de uma revisão crítica do trabalho realizado. Em outras palavras, o aconselhamento psicológico como tal é antes de tudo constituído de um modelo operacional, que indica um possível caminho a ser tomado pelo psicólogo no seu trabalho de prestar assistência psicológica à pessoa do cliente. Isto não significa, porém, que o aconselhamento psicológico pode subsistir sem que haja uma fundamentação mais explícita em uma ou outra teoria da personalidade, a qual por sua vez, traz consigo uma determinada visão antropológica, na maioria das vezes, pouco explicitada.

Nesta segunda parte deste capítulo, que será de caráter teórico, pretendemos dar um pequeno esboço dos principais tipos de aconselhamento psicológico, querendo demonstrar que em cada linha específica de aconselhamento encontramos um modelo antropológico subjacente, um modelo teórico mais ou menos elaborado e, por fim, um modelo operacional bem explícito.

### 1. O ACONSELHAMENTO "CENTRADO NO ACONSELHADOR"

O ponto de vista deste tipo de aconselhamento

está bem exposto nas obras de E.G. Williamson - "How to Counsel students", "Counseling Adolescents" e "Vocational Counseling". Temos de levar em conta que houve toda uma evolução na concepção do aconselhamento deste autor, ao ponto de incluir um interesse pelo desenvolvimento total da pessoa e não só pelo aspecto do desenvolvimento vocacional.

Quanto ao modelo operacional: proclamam a necessidade de estudar cientificamente o indivíduo, incluindo 1. a avaliação de seus traços através de testes psicológicos e de outros meios; 2. a definição ou descrição do indivíduo; 3. a atividade de ajuda, orientada para possibilitar o conhecimento e a compreensão de si mesmo e do seu meio ambiente; 4. a predição do provável exito nas diversas atividades (Shertzer, 1972). O propósito do aconselhamento psicológico consiste em facilitar o desenvolvimento de uma conduta ótima. Williamson afirma: "A tarefa a que se propõe o aconselhamento "traço e fator", é a de ajudar o indivíduo na sua auto-compreensão e auto-direção através de aproximações sucessivas, proporcionando-lhe também auxílio quanto à avaliação de seus aspectos positivos e negativos em relação aos requisitos das metas vitais, as quais vão se modificando com o decorrer do tempo e na medida em que se avança na carreira profissional ( 1965, p. 198). E assim que o aconselhamento favorece o desenvolvimento e a integração da personalidade. Os aconselhadores desta linha dividem a sua tarefa em seis passos: 1. a análise implica em recolher dados, provenientes de uma ampla variedade de fontes, para chegar a compreensão da pessoa do cliente; 2. a síntese se refere ao exame e à organização dos dados para determinar assim os pontos fracos e fortes do indivíduo; 3. o diagnóstico são as conclusões às quais o conse-

lhador chega quanto às causas e às características do problema; 4. o prognóstico diz respeito à predição que o aconselhador faz sobre o futuro desenvolvimento do aconselhando ou sobre as implicações do diagnóstico; 5. o aconselhamento significa os passos que o aconselhador e o aconselhando tomam para obter a adaptação ou a readaptação; 6. o seguimento inclui tudo quanto o aconselhador faça para ajudar o cliente diante de problemas novos, assim como a avaliação da eficiência do processo do aconselhamento. Williamson (1950) classificou as técnicas do aconselhador em cinco categorias: 1. promoção da conformidade; 2. modificação do meio ambiente; 3. seleção do ambiente adequado; 4. aprendizagem de habilidades necessárias; 5. modificação de atitudes. Quanto ao modo de dar as recomendações ou conselhos à pessoa do cliente, Williamson fala de três métodos: a. o método direto, isto é, formular a sua opinião de maneira aberta e franca; b. o método persuasivo, quando os dados se ordenam de um jeito tal que conduzem o indivíduo à compreensão dos efeitos das ações alternativas; c. o método explicativo que se refere à explicação do significado dos dados obtidos através do diagnóstico e à indicação de possíveis soluções.

Quanto ao modelo teórico: a personalidade é vista como uma estrutura organizada e única de capacidades e potencialidades, um sistema de traços e fatores interdependentes, tais como habilidades (por exemplo: memória, relações espaciais, verbais, etc.), interesses, atitudes e temperamento. O desenvolvimento do indivíduo se dá desde a infância até a idade adulta, na medida em que estes traços e fatores se fortalecem e amadurecem. Portanto, estes traços e fatores indi-



viduais são de caráter relativamente estável. Williamson assinala que "os fundamentos dos conceitos modernos de aconselhamento psicológico se apoiam no suposto da individualidade singular de cada criança, assim como da identificação deste caráter único através da medição objetiva, em oposição às técnicas de estimação e avaliação subjetivas" (1965, p. 53). É notável a influência do movimento psicométrico na conceituação da personalidade por parte de Williamson. O esforço de chegar a uma psicologia de caráter nitidamente científico também se reflete nesta visão, a qual se assemelha muito com as colocações de H. J. Eysenck e R. Cattell, os quais desenvolveram o método fatorial; - já empregado por L.L. Thurstone e J.P. Guilford no seu estudo relativo à inteligência - nas suas pesquisas quanto às dimensões da personalidade.

Quanto ao modelo antropológico: Williamson acentua muito a necessidade por parte dos aconselhadores de examinar continuamente a sua orientação filosófica e de não adotar uma posição rígida. Acredita que o homem nasce com a possibilidade do bem e do mal. O significado da vida é o de procurar o bem e de rejeitar ou controlar o mal. Para Williamson, os aconselhadores têm de se demonstrar otimistas quanto à natureza do homem e acreditar que este é capaz de aprender a resolver os seus problemas, particularmente quando aprende a utilizar as suas capacidades. "O homem pode não ser inteiramente capaz de realizar todas as suas potencialidades de um modo autônomo mas, precisa de que outras pessoas o ajudem a alcançar o pleno desenvolvimento de suas potencialidades" (1965, p. 183). Um dos pressupostos, presente nesta linha de aconselhamento psicológico é o da valorização da racionalidade. O que carac-

teriza o homem como tal é a sua capacidade de raciocinar. É a convicção de que existe uma relação de causa e efeito e que, mediante os procedimentos ordinários da dedução e indução e através do pensamento coerente, é possível formular diagnósticos precisos e propor soluções desejáveis. Assim, o pensamento coerente, lógico e racional tem sido considerado pelos racionalistas como o meio mais eficiente de resolver os problemas. O homem tem sua superioridade sobre todos os demais seres, exatamente por sua capacidade de abstração e é esta capacidade que torna o homem capaz de dominar a si mesmo e ao seu meio ambiente.

## 2. O ACONSELHAMENTO "CENTRADO NO COMPORTAMENTO"

As figuras mais conhecidas deste tipo de aconselhamento psicológico são John D. Krumboltz e Carl E. Thoresen. Procuram introduzir tanto uma nova mentalidade como uma nova metodologia nesta área da psicologia aplicada. Para isto tomaram uma posição oposta a todo tipo existente de aconselhamento psicológico, que se baseava em constructos idealizados e em interpretações de carácter subjetivo. O ponto de partida para eles, deve ser, necessariamente, estudos e pesquisas de carácter estritamente experimental, cujos dados objetivos serão sistematizados em teorias bem formuladas e consistentes do ponto de vista lógico. Dessas teorias serão deduzidas em seguida, tanto a metodologia como as técnicas de aconselhamento psicológico. De fato, a característica mais óbvia do aconselhamento comportamentalista é por certo, o seu carácter altamente científico no sentido estrito, ou como diz Eysenck (1960): as suas teorias consistentes e logicamente bem estruturadas.

O modelo operacional - Krumboltz define o aconselhamento psicológico do seguinte modo: "O aconselhamento consiste em quaisquer atividades éticas que um assessor realiza num esforço de ajudar ao cliente a desempenhar os tipos de conduta que conduzem a uma solução de seus problemas" (1965 p.333). Portanto, o aconselhamento é concebido em termos de aprendizagem



e o aconselhador procura oferecer uma ajuda neste processo. Ele prepara as condições necessárias para que o cliente aprenda uma conduta adaptativa, que lhe permita enfrentar os seus problemas. O aconselhador comportamentalista está voltado para a sintomatologia, isto é, procura a cura dos sintomas que são vistos como respostas condicionadas não ajustadas, ou seja, uma evidência de falha de aprendizagem. Pela extinção de respostas condicionadas desajustadas, e pela sua substituição por respostas condicionadas adaptadas, consegue-se a cura. Ocorre um fenômeno curioso no aconselhamento comportamentalista. É difícil muitas vezes, distinguir o modelo operacional do modelo teórico, devido exatamente ao ponto de partida dos comportamentalistas, o qual é a observação empírica e a experimentação. Disto resulta que para os comportamentalistas, o único comportamento existente é o observável e visível e este comportamento não admite nenhuma interpretação de caráter subjetivo, nem constructo de caráter inferencial.

O aconselhamento "centrado no comportamento" encontra os seus alicerces no condicionamento clássico de Ivan P. Pavlov e no condicionamento operante de B.F. Skinner. Segundo ambos os pontos de vista, os estímulos ou as circunstâncias associadas com a situação de aprendizagem adquirem um valor reforçador e este fenômeno se identifica como o reforço secundário. Michael e Meyerson agruparam os acontecimentos-estímulos, que ocorrem em consequências dos atos, em três classes, segundo o seu efeito sobre a conduta operante: 1. reforços positivos - a conduta que precedeu aos "sucessos-estímulo" tem boas possibilidades de produzir-se novamente no futuro em condições semelhantes. Os "sucessos-estímulo" são chamados recom

penas e incluem os elogios, o aplauso, as boas qualificações, etc.; 2. reforços negativos - a conduta que precedeu à eliminação dos "sucessos- estímulo" tem boas possibilidades de produzir-se de novo no futuro em condições semelhantes. Os reforços ou estímulos negativos são dolorosos ou desagradáveis e incluem a desaprovação social, as críticas e as repreensões; 3. carência de consequências e estímulos neutros - as respostas cessam, se são seguidas por estímulos neutros. Quando o comportamento não se vê forçado, a sua extinção é produzida (Michael, 1962).

Krumboltz (1966) cita quatro enfoques gerais dos quais são derivadas as técnicas atuais do aconselhamento psicológico:

a. Aprendizagem operante: sabe-se agora que a distribuição adequada no tempo quanto aos reforços do aconselhador pode ser útil para provocar a conduta desejada. A atenção, o interesse e a aprovação que o aconselhador manifesta referente a determinados tipos de resposta do cliente, determinam, pelo menos em parte, as respostas futuras do mesmo. Fora da entrevista do aconselhamento as diretrizes escolares, os pais e outras pessoas podem reforçar certo comportamento. Assim, a ordenação temporal dos reforços tanto dentro como fora da entrevista, tem uma importância muito grande.

b. Aprendizagem imitativa: aplica-se na medida em que o aconselhador pode tomar as medidas adequadas para que o cliente observe modelos de conduta mais adaptativa. Se os clientes têm pouca idéia de que seja um comportamento mais adequado, a introdução de modelos em forma de gravações sonoras, instrução programada, "video- tapes" e autobiografias, pode induzir uma conduta imitativa, que pode ser reforçado de imediato. Neste

campo são bem conhecidos os experimentos de A. Bandura.

c. Aprendizagem cognitiva: proporciona métodos que incluem a instrução verbal, os contratos entre o aconselhador e o aconselhando e a representação de papéis.

d. Aprendizagem emocional: tem a sua aplicação em indivíduos com fortes sentimentos de ansiedade; estas pessoas são levadas para um estado de relaxamento, quando são apresentados estímulos que provocam ansiedade, simultaneamente com estímulos mais agradáveis. É o processo de dessensibilização.

Todos os seguidores da linha comportamentalista acentuam muito a importância da devida avaliação dos processos de aconselhamento. A revisão crítica para aperfeiçoar e ampliar os métodos e as técnicas utilizadas, é de um valor indispensável. Krumboltz formulou este aspecto do seguinte modo: "O que necessitamos saber é quais procedimentos e técnicas, quando são empregadas para obter que tipos de modificação de comportamento, são mais eficazes em que classe de clientes, quando são aplicadas por que tipos de aconselhadores". (1966, p. 22). São muitas, portanto, as variáveis que devem ser levadas em conta.

Krumboltz estabelece algumas limitações quanto ao atendimento de clientes: "O aconselhador deve ter interesse na problemática, apresentada pelo cliente como também a devida competência profissional" (1966, p. 154). Analisando estas observações de Krumboltz, torna-se evidente que o aconselhador comportamentalista exige que a problemática apresentada, se enquadre de um ou de outro modo, dentro daquilo que foi elaborado a partir de estudos empíricos. Daí que os comportamentalistas se dedicam à solução de determinados tipos



de dificuldades de adaptação. Assim, o aconselhamento comportamentalista se destaca por seu caráter científico e objetivo mas, do outro lado, vê o seu campo de atuação limitado às problemáticas, experimentalmente pesquisadas.

Modelo teórico - Muitos comportamentalistas insistem numa abordagem estritamente descritiva e atórica da pesquisa sobre o comportamento. O modelo teórico é entendido por eles como a sistematização de inúmeros dados, provenientes da observação cuidadosa e dos processos experimentais executados. Ouçamos Skinner a respeito: "Mas eu prevejo uma teoria global do comportamento humano, que reunirá uma quantidade imensa de fatos e os expressará de um modo mais abrangente e universal. Eu estaria muitíssimo interessado em ajudar e instigar o estabelecimento desta teoria, pois, considero-me um teorizador" (1968, p. 21). Assim, quanto à personalidade os comportamentalistas afirmam: "Nossa definição está realmente baseada em muitos fatos e pouca teoria, mas a tradução impõe o uso da palavra "teoria" (Lundin, 1974, p. 7). Para eles, portanto, o tipo singular de padrão comportamental, adquirido através do longo período de desenvolvimento de um indivíduo, é o seu comportamento peculiar e constitui a sua personalidade. Esta conceituação dá ênfase ao processo de aprendizagem, o tema predileto dos comportamentalistas, pois, deste processo resulta o comportamento de cada um e se rão de máxima importância as condições nas quais se desenvolve esta aprendizagem.

Atualmente não há uma teoria E-R simples, mas uma rede de teorias, superpostas em maior ou menor grau, porém, ao mesmo tempo cada uma delas possui algumas características

próprias e distintivas. Estes sistemas se iniciam como tenta tivas para explicar a aquisição e a retenção de novas formas de conduta que aparecem com a experiência. Embora os fatores inatos não sejam ignorados, as teorias E-R estão fundamental mente interessadas nos processos, que ocorrem entre o repertório de respostas do indivíduo e a quantidade inacreditável de estimulação do meio ambiente.

Examinaremos, de modo bastante abreviado, a posição de Dollard e Miller e a colocação de Skinner.

Dollard e Miller procuravam aproximar-se de uma teoria de personalidade, tomando como ponto de partida o sistema hulliano, o qual não consideravam adequado sem uma in ter pre ta ção mais ampla. Ambos estavam interessados tanto na teoria psicanalítica como na teoria E-R, e a visão por eles apresentada, caracteriza-se pela redução de muitos conceitos psicanalíticos a termos E-R. Há semelhanças sistemáticas entre a psicanálise e a teoria hulliana, pois, em ambas se encontra uma versão sobre a lei do efeito. Freud fala da manutenção de um nível fixo de tensão ou da redução do nível de tensão, como meta do organismo. Hull fala da redução de impulso ou de uma redução da intensidade de um estímulo de impulso, como uma condição que fortalece o comportamento.

O núcleo da explicação, dada por Dollard e Miller a respeito do comportamento humano, é o processo da aprendizagem ou a formação de hábitos. Eles destacam quatro características significativas do processo de aprendizagem: impulso, pista, resposta e recompensa. Dão-nos como exemplo uma criança, procurando uma bala escondida numa sala com estantes de livros. O impulso inicial é o desejo de comer a bala; as pi g

tas são as instruções para fazer o jogo, mais os estímulos da sala. São feitas respostas variadas, até que a bala é encontrada atrás de um livro. E a resposta de retirar o livro apropriado é reforçada pela descoberta e fruição da bala, que é a recompensa. Se o jogo continua com a bala escondida no mesmo lugar todas as vezes, o impulso decresce gradualmente; somente as pistas discriminatórias que ajudam a dar a resposta correta se tornam significativas; e a resposta ocorre agora mais rápida e vigorosamente. Desta maneira os hábitos são reforçados, convertendo-se nos elementos básicos e duradouros da personalidade.

Dollard e Miller analisaram a natureza do conflito e esta abordagem analítica envolve, pelo menos, cinco pressupostos, derivados da posição teórica ou de observações empíricas. Supuseram eles que (1) a tendência de aproximação de uma meta aumenta na medida em que diminui a distância da meta; (2) a tendência de fuga de um estímulo negativo (punição) aumenta na medida em que a distância desse estímulo diminui; (3) o gradiente para os estímulos negativos é mais abrupto do que o gradiente para os estímulos positivos; (4) as mudanças no impulso aumentam ou diminuem o nível dos gradientes apropriados; (5) se duas respostas (digamos, aproximação e fuga) concorrem em qualquer ponto, ocorrerá aquela que estiver associada à tendência mais forte. Embora os estudos empíricos deste modelo envolvessem tipicamente ratos brancos, choques elétricos, comida e uma escala de intervalo, o modelo foi livremente aplicado em situações muito diferentes como, por exemplo, às pessoas solteiras, que pretendiam casar-se. A transposição deste modelo do comportamento do animal para o comportamento



humano, não envolve para eles, um acréscimo de variáveis aparentemente (Cueli, 1974).

Skinner demonstra uma grande indiferença para as variáveis estruturais e dirige a sua atenção principalmente para o comportamento, sujeito à modificação. Consequentemente se interessa muito pouco pelas características comportamentais, que se mostram relativamente estáveis. Esta atitude de Skinner é devida à ênfase, dada por ele ao controle da conduta. Sem dúvida, a predição e a explicação do comportamento só é possível, conhecendo também os aspectos mais duradouros da personalidade. O controle deste mesmo comportamento, porém, se obtém unicamente pela modificação das condições de condicionamento e reforço, e o ambiente pode ser modificado neste sentido para produzir diferentes padrões comportamentais.

Segundo Skinner, a conduta é classificada em dois tipos de respostas: a resposta operante e a respondente. O autor se interessa particularmente pela diferença, existente entre os dois tipos de resposta e que consiste basicamente no fato de que as respostas respondentes são determinadas e as operantes eliciadas. Skinner se concentra na resposta operante, a qual é emitida na ausência de qualquer estímulo identificado.

Um dos conceitos básicos de Skinner é o reforço. Reforçar uma conduta é simplesmente executar uma manipulação que modifica a probabilidade de ocorrência de um comportamento no futuro. "Um reforço positivo é um estímulo que, unido a uma situação, fortalece a probabilidade de ocorrência de uma resposta operante. Um reforço negativo é um estí

mulo que, quando é eliminado de uma situação, fortalece a pro babilidade de ocorrência de uma resposta operante" (1970, p. 49). Ele, por certo, aceita a existência do condicionamento clássico e a sua dependência em relação ao princípio do reforço, mas está menos interessado neste condicionamento do que em outro tipo de aprendizagem, que também está baseado no princípio do reforço, e que ele chamou de condicionamento ope rante.

Skinner é de opinião que a personalidade constitui apenas uma coleção de padrões de comportamento. Quando nos perguntamos a respeito do desenvolvimento da personalidade, estamos indagando o desenvolvimento destes padrões de compor tamento. Ele acredita que podemos prever, controlar e ex plicar este desenvolvimento, observando como funciona o prin cípio do reforço. Podemos produzir a conduta atual do indiví duo, sendo esta conduta o resultado do reforço de respostas prévias.

Modelo antropológico - Não é difícil caracterizar a visão a respeito do homem, que está atrás da posição com portamentalista. É a corrente do positivismo, que teve a sua maior expressão na pessoa de A. Comte. Existe apenas aquilo que pode ser observado e medido: é a colocação nitidamente anti-metafísica. Proclamam a soberania da ciência exata, ex pressa no termo "cienticismo": as ciências positivas são ca pazes de responder a todas as perguntas, embora não tenham conseguido isso até agora. Daí que se fala ainda de filoso fia. O homem como tal não passa de uma máquina complicada, cujo comportamento é produto do meio ambiente pelas leis ab solutas do determinismo. Neste contexto torna-se compreensí

vel que muitos comportamentalistas queiram chegar a uma tecnologia do comportamento humano. Esta mentalidade positivista está bem expressa na seguinte citação de Watson: "Assim, aquele que introduzir a consciência, quer como epifenômeno ou como uma força ativa que interfere nos acontecimentos físicos e químicos do corpo, fá-lo-á por causa de suas inclinações espiritualistas ou vitalistas. O behaviorismo não pode encontrar a consciência no tubo de ensaio da sua ciência. Não encontra em parte alguma, provas de uma corrente de consciência, nem mesmo de uma tão convincente quanto a que foi descrita por William James. Ele encontrará, entretanto, provas convincentes de uma corrente de comportamento em contínua expansão" (1967, p. 26). O próprio Skinner não fica atrás, quando escreve: "O homem autônomo é um dispositivo empregado para explicar o que não podemos explicar por outro meio qualquer. Foi produto da nossa ignorância e, na medida em que nossa compreensão aumenta, a verdadeira essência de que se compõe, desaparece" (1972, p. 157). Nem todos os comportamentalistas confessam explicita ou implicitamente esta filosofia de vida. Muito pelo contrário. Quando Krunboltz, por exemplo, estabelece como terceira limitação para atender a um cliente, as "considerações éticas", torna-se evidente que ele, embora trabalhando na linha comportamentalista, é de uma cosmovisão bem diferente, uma vez que tais considerações de caráter ético, não se enquadram dentro da colocação comportamentalista como tal.

### 3. O ACONSELHAMENTO CENTRADO NO CLIENTE

O tipo de aconselhamento mais divulgado e co-



nhecido, é por certo o aconselhamento centrado no cliente. Muitas vezes acontece até, que todo o aconselhamento psicológico é identificado como o aconselhamento de Carl Rogers, muito injusta e inexatamente denominado como "o aconselhamento não diretivo". A característica do aconselhamento psicológico de Rogers, pela qual este tipo de aconselhamento se diferencia e se destaca das demais modalidades de aconselhamento, é que toda atuação do aconselhador procura ter como ponto de partida o quadro de referência interno do indivíduo. Portanto, o caráter "não-diretivo" é uma consequência da primeira característica, acima mencionada e identificada, e deve ser compreendido no sentido de que o aconselhador procura evitar intervenções que tem como ponto de partida o seu próprio quadro compreensivo do estado e da problemática de seu cliente. Daí também que Rogers dispensa, por assim dizer, qualquer preocupação de diagnose e de transferência.

Carl Rogers começou a sua vida profissional em Rochester, trabalhando em psicodiagnóstico e em planejamento de casos de crianças delinquentes. Foi assim, que Rogers chegou a formular primeiro um tipo de tratamento e de atendimento para, mais tarde, desenvolver também uma teoria da personalidade, procurando fundamentar mais sistematicamente o seu método de atender o cliente. Vale destacar o esforço de Carl Rogers para dar à sua visão de tratamento, um caráter experimental, tentando sempre uma validação e uma revisão crítica dos resultados obtidos. E isto principalmente para poder tomar posição diante de seus colegas, normalmente da linha experimentalista e comportamentalista, a qual estava em franca ascensão.

O modelo operacional - Este modelo encontramos na seguinte formulação matemática:  $B + C = (f) A$ , onde A significa as condições facilitadoras - no sentido rogeriano, como explicitaremos logo mais adiante -, B significa o processo terapêutico e C significa os resultados da terapia. A fórmula como tal expressa, que as condições facilitadoras devem se realizar para que possa haver um processo terapêutico com os seus respectivos resultados positivos. Portanto, as condições terapêuticas ou facilitadoras no sentido rogeriano, são de fundamental importância. É aqui que se concentram tanto o valor como a força do aconselhamento rogeriano. Em última análise, nestas condições facilitadoras está também a razão porque Rogers não vê diferença, ou melhor, necessidade de diferenciar psicoterapia de aconselhamento psicológico: as condições "facilitadoras", quando são oferecidas, resultarão espontaneamente no melhoramento do funcionamento psíquico do cliente, independentemente da natureza ou gravidade da problemática apresentada. As condições "facilitadoras" encontramos especificadas pelo próprio Rogers em "Psicoterapia e Relações Humanas", livro de autoria de Carl Rogers e de sua colaboradora mais direta, G. Marian Kinget, a qual muito contribuiu para uma sistematização maior da posição rogeriana.

"Para que o processo terapêutico se produza, é necessário:

1. que duas pessoas estejam em contacto;
2. que a primeira pessoa, que designaremos como cliente, se encontre num estado de incongruência, de vulnerabilidade ou de angústia;
3. que a segunda pessoa, que designaremos como terapeuta, se

encontre num estado de congruência - pelo menos durante o decorrer da entrevista e no que se relaciona ao objeto de sua relação com o cliente;

4. que o terapeuta experimente uma compreensão empática do quadro de referência interno do indivíduo;
5. que o terapeuta experimente sentimentos de consideração positiva incondicional a respeito do indivíduo;
6. que o cliente perceba - mesmo que numa proporção mínima - a presença de 4 e 5, isto é, da consideração positiva incondicional e da compreensão empática, que o terapeuta lhe testemunha" (1975, p. 182).

Analisando bem as condições, acima citadas, percebemos que todo o aconselhamento centrado no cliente, está baseado no nível de maturidade - em termos rogerianos: ... alto grau de congruência - por parte do terapeuta, ou aconselhador, pelo menos durante o seu contacto com o cliente. Este alto grau de congruência possibilita ao aconselhador tomar as atitudes indispensáveis. O próprio Rogers afirma: " O elemento central desta terapia está representado pela proposição 3, que trata do estado de congruência, isto é, da autenticidade das atitudes do terapeuta" (1975, p. 183). Aqui podemos ressaltar outra característica do aconselhamento rogeriano: a acentuação da necessidade de determinadas atitudes por parte do terapeuta e, conseqüentemente, a ausência de técnicas. A diferença principal entre a atitude e a técnica é que a atitude diz respeito diretamente à personalidade do terapeuta, o qual terá de desenvolver em si a consideração positiva incondicional e a compreensão empática para poder corresponder àquilo que se espera do aconselhador rogeriano: o



estabelecimento de um ambiente de livre expressão, onde o cliente encontra tanto segurança quanto calor humano, condições necessárias para o desenvolvimento positivo do funcionamento psicológico do cliente. A técnica é um meio de intervenção por parte do aconselhador, que pode ser apreendido e manipulado conforme a necessidade do caso.

Uma atuação adequada do aconselhador rogeriano se concretiza mais especificamente pela modalidade de diálogo. As duas modalidades mais características de intervenção no aconselhamento rogeriano são a resposta compreensiva e a resposta interpretativa no sentido rogeriano. A compreensiva é a resposta através da qual o aconselhador devolve o conteúdo emocional, presente na verbalização do cliente, para que este chegue a uma maior elucidação e esclarecimento de suas vivências emocionais. A resposta interpretativa, no sentido rogeriano, compreende também a devolução de determinado conteúdo emocional do cliente, só que este conteúdo emocional está implícito na verbalização do cliente: o cliente mesmo não está logo consciente deste conteúdo e pode até surpreender-se. As duas modalidades de resposta têm em comum que o ponto de partida é o quadro de referência interno do indivíduo. Esta última característica distingue a interpretação, no sentido rogeriano, da interpretação, por exemplo, psicanalítica, a qual tem como qual tem como ponto de partida o quadro compreensivo do aconselhador a respeito da problemática do cliente. É evidente que o aconselhamento centrado no cliente, exige muitíssimo do próprio aconselhador, tendo em vista que este terá de estar em estado de harmonia interna, capaz de simbolizar corretamente as suas vivências e experiências dentro da entrevista sem maiores interferências de caráter subjetivo.

vo, sem predisposições e sem preconceitos. Só assim o aconselhador estará em condições de demonstrar as atitudes indispensáveis de uma consideração positiva incondicional e de uma compreensão empática. Em oposição ao que muitos pensam a respeito do aconselhamento centrado no cliente, acreditando que o maior trabalho fica por conta do cliente e que o papel do aconselhador é menos ativo e de caráter secundário, constata-se que será difícil por parte do aconselhador assumir as atitudes fundamentais, para que possa ocorrer o processo terapêutico, sem que ele mesmo passe por uma terapia. A simbolização correta de vivências subjetivas exige um alto grau de autenticidade, de equilíbrio emocional e de maturidade.

Finalizando podemos caracterizar o raciocínio rogeriano, referente à metodologia, do seguinte modo: quando um indivíduo precisa resolver algum problema, quando o aconselhador capacitado cria um ambiente de livre expressão, quando se garante o respeito fundamental, referente à capacidade do indivíduo, então o problema é analisado corretamente, de maneira responsável, a iniciativa assumida se desenvolve, atividade criadora, a produtividade e a qualidade são estimuladas e o moral do indivíduo cresce.

O modelo teórico - Rogers constroi toda a sua teoria de personalidade sobre dois pressupostos básicos: toda a pessoa tem a capacidade de se desenvolver, de se realizar, de "tornar-se pessoa" em escala ascendente; além dessa capacidade, a pessoa tem a tendência atualizante, isto é, a pessoa procura a sua autorrealização e o seu desenvolvimento por uma força inata; seria o aspecto dinâmico da evolução de uma pessoa, enquanto a capacidade como tal é o aspecto estático, po

rém, essencial da pessoa. Nestes pressupostos está a fé rogeriana na pessoa humana, a qual é fundamental para o aconselhador centrado no cliente.

Os conceitos básicos da teoria rogeriana são:

- O organismo: é o indivíduo na sua totalidade psico-somática. O indivíduo sempre reage como um todo organizado a fim de satisfazer as suas necessidades e possui um motivo básico: o de realizar-se, manter-se e melhorar.
- O campo fenomenológico, que é a totalidade da experiência do organismo, que está situado num ambiente com outros organismos e procura a auto-diferenciação, dando origem ao "self".
- O "self", o qual é o conceito central da teoria de personalidade de Rogers, vem a ser, na definição de Kinget, "um conjunto organizado e mutável de percepções que se referem ao próprio indivíduo: qualidades, defeitos, capacidades, limitações, valores e relações, reconhecidas pelo indivíduo como descritivas de si mesmo e percebidas como retratando a sua identidade" (1975, p. 44). E o próprio Rogers afirma a respeito: "Self, idéia ou imagem de si, estrutura do self, são termos que servem para designar a configuração experiencial, composta de percepções, referindo-se ao indivíduo, às suas relações com o outro, com o ambiente e a vida em geral, assim como aos valores, por ele atribuídos a essas percepções" (1975, p. 165).

Aqui vale destacar algumas das características do "self" como:

- a interação do organismo com o meio ambiente é estabelecido pelo "self", que pode introjetar valores dos outros e



percebê-los de modo distorcido;

- a consistência é uma das características do "self", uma vez que o indivíduo se identifica através de sua auto-imagem e se comporta em conformidade com ela; daí que as experiências não condizentes com a estrutura do "self", são percebidas como ameaçadoras;
- o "self" pode mudar como resultado da aprendizagem e da maturidade.

Dentro da teoria rogeriana é de fundamental importância uma evolução adequada da noção do "eu" ou, como diz Marian Kinget: "A eficiência da tendência à atualização do "eu", depende do caráter realista da noção do "eu". E esta noção é realista quando há correspondência ou congruência entre os atributos, que o indivíduo acredita possuir e aqueles que de fato possui" (1975, p. 45). E para que ocorra um desenvolvimento adequado da auto-imagem da pessoa, é necessário que o indivíduo se encontra num ambiente favorável, que lhe estimula a liberdade experiencial. Marian Kinget fala dessa liberdade experiencial do seguinte modo: "O indivíduo é psicologicamente livre, quando não se sente obrigado a negar ou deformar aquilo, que experimenta a fim de conservar seja o afeto ou a estima daqueles que representam um papel importante na sua economia interna, seja a sua auto-estima" (1975, p. 47). E assim como as condições ambientais são de máxima importância para o desenvolvimento saudável da personalidade de uma pessoa, as condições terapêuticas possibilitam a recuperação de um desenvolvimento que não se deu, exatamente por falta de condições, por falta de atitudes de aceitação e de compreensão.

Finalizando, queremos citar a conclusão de Rogers

na sua discussão sobre as 10 proposições: "Esta teoria depende grandemente do conceito de "self", como elemento exploratório... Descreve o ponto final do desenvolvimento da personalidade como sendo uma congruência básica entre o campo fenomenológico da experiência e a estrutura conceitual do "self" - situação que, consumada, representaria liberdade de tensão e ansiedade internas, e liberdade de tensão potencial; representaria o máximo de adaptação orientada para a realidade; significaria o estabelecimento de um sistema individualizado de valores, possuindo considerável identidade com o sistema de valores de qualquer outro membro da raça humana, bem ajustado" (1974, p. 514).

Modelo antropológico - Precisamos analisar mais a fundo os pressupostos da teoria rogeriana. Rogers acredita profundamente na capacidade de auto-crescimento da pessoa. A sua visão é altamente otimista no sentido de que o homem é bom por natureza, e se ele não consegue realizar-se, será por falta de condições favoráveis. Rogers é organicista, considera o homem como um todo, tomando uma posição anti-dualista, rejeitando, portanto, a idéia de que o homem é constituído de mente e corpo, como defendia Descartes.

A teoria rogeriana tem também a sua base fenomenológica, no sentido de que está implícita nas suas proposições a noção da intencionalidade, a qual caracteriza exatamente a fenomenologia como tal. O homem não é visto como um indivíduo, isolado de seu ambiente e dos outros; muito pelo contrário: a pessoa é pessoa graças e em função de seu meio ambiente, graças e em função dos outros e graças e em função de sua auto-consciência. As três dimensões básicas, portanto, da pes

soa como tal, conforme os fenomenólogos, são: o "eu-conscien-  
 te", o "eu-com-os-outros" e o "eu-no-mundo". Neste sentido e  
 xiste uma relação intencional entre a pessoa e o seu semelhan  
 te, e entre a pessoa e o seu ambiente, como existe uma rela-  
 ção intencional entre um quarto de brinquedo e a criança. As  
 sim o mundo não tem sentido, a não ser em relação ao homem,  
 como o quarto de brinquedo não tem sentido, a não ser em fun-  
 ção da criança. A proposição fundamental da fenomenologia é  
 que a consciência humana existe apenas como 'consciência de'  
 alguma coisa. Vergílio Ferreira nos afirma na sua introdução  
 ao livro de Jean Paul Sartre "O existencialismo é um humanis-  
 mo"; na qual ele nos dá um amplo comentário sobre a fenomeno  
 logia, o seguinte: "O primeiro conceito a fixar na fenomeno-  
 logia, e fio condutor de todas as operações fenomenológicas, o da  
 do basilar em que se implicam todas as consequências a escla-  
 recer ulteriormente, é o que se implica na chamada 'intencio-  
 nalidade'. A formulação elementar dessa intencionalidade é a  
 que se explicita no princípio de que 'toda a consciência é  
 consciência de alguma coisa'. Antes de mais, porém, anotemos  
 que esta fórmula genérica engloba muitas outras situações, e  
 nós poderíamos, pois, desdobrá-la em fórmulas paralelas como  
 a de que 'todo amor é amor de alguma coisa', ou 'todo crer é  
 crer em algo'" (1970, p. 16). Disto resulta que a tarefa vi-  
 tal do homem consiste em desenvolver-se no seu aspecto 'cons-  
 ciente', mas que este auto-desenvolvimento só se concretiza  
 quando com ele cresce simultaneamente tanto o seu aconselhan  
 te quanto o seu meio ambiente. É contraditório o desenvolvi-  
 mento da pessoa em detrimento do seu semelhante e do seu mei  
 o ambiente.



Quando analisamos os resultados positivos do processo de aconselhamento rogeriano, chegamos à conclusão de que a pessoa que evoluiu para um estado de harmonia interna mais sólido, é mais aberta à sua experiência e é menos defensiva, o que significa em última análise, que se trata de uma pessoa que está mais consciente de suas dimensões básicas, isto é, uma pessoa que se situa adequadamente como um ser consciente, um ser social e um ser situacional ou contextual. "Este modelo é o de uma pessoa que exerce livremente a plenitude das potencialidades de seu organismo; de uma pessoa que se comporta, levando em conta a realidade, que busca a manutenção e a valorização de si mesma, que manifesta uma conduta social e adaptativa; um espírito criador cujos atos não se deixam prever com facilidade, que não cessa de evoluir e de se desenvolver, que se descobre a si mesma como a novidade de cada momento" (1975, p. 273).

#### 4. O ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO EXISTENCIAL

Temos de mencionar este tipo específico de aconselhamento psicológico, bastante divulgado nos dias de hoje, embora seja de vera difícil caracterizá-lo, principalmente por falta de um modelo operacional bem definido. Além disso, muitos são os aconselhadores, que se consideram existencialistas por motivo de sua orientação antropológica básica, mas que na realidade não adotam o modelo existencial propriamente dito, e sim, o modelo fenomenológico-existencial, o qual reúne em si, tanto as grandes contribuições da corrente fenomenológica, como os dados mais enriquecedores da linha e

xistencialista. Aliás, é este modelo fenomenológico-existencial que está na base da, assim chamada, 'Terceira Força' em psicologia ou da 'Psicologia Humanista'.

O aconselhamento psicológico existencial encontrou um ambiente, surpreendentemente favorável, quanto à sua aceitação, o que se deve, sem sombra de dúvida, às necessidades específicas do homem moderno, as quais se derivam, ao entender de Rollo May, dos sentimentos de solidão e de ansiedade. Hoje em dia os problemas mais comuns, levados ao aconselhador psicológico, não são os tabus, ou sentimentos de culpa, e sim, o fato de as pessoas viverem uma vida mecânica e vazia. A origem dessa experiência de uma vida vazia seria o resultado, acumulado a longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir como 'ser autônomo', de dirigir a própria vida, de modificar a atitude das outras pessoas em relação a si mesmo, ou de exercer influência sobre o mundo que nos rodeia. A renúncia a esta autonomia, uma necessidade inata do ser humano, gera a apatia e a falta de emoções, as quais constituem a sua defesa contra a ansiedade, por não encontrar o significado da própria vida (1973).

O aconselhador e o processo - O aconselhamento psicológico é caracterizado pelos seguidores desta linha, inicialmente como um 'encontro humano'. Um autêntico encontro humano, porém, implica que o aconselhador está, pelo menos por alguns momentos, totalmente presente para a pessoa, está integralmente com ela, participa da experiência pessoal do cliente....; é o 'tomar parte com'... Isto requer do aconselhador que ele abandone o seu mundo auto-centrado, pois, quanto mais ele se identifica apenas com o seu papel profissional,

mais ele se fecha para o apelo humano, pleno, do outro. E este fechamento vai reduzir a sua habilidade de ouvir, ver e sentir, compreender ou responder ao apelo do aconselhando. Estamos-nos orientando nesta exposição por uma das figuras mais expressivas da linha existencial, a saber, Van Kaam no seu livro "The Art of Existencial Counseling".

O aconselhamento psicológico existencial não tem como objetivo a inserção do indivíduo num campo concreto da vida humana, já elaborado por uma sociedade complexa, mas na integração do cliente para uma confiança básica em si próprio e no mundo, portanto, o aconselhamento existencial é por definição, um aconselhamento pessoal, que precede a possibilidade de qualquer introdução concreta do indivíduo na estrutura da vida moderna. O aconselhador tenta alimentar no cliente esta auto-confiança, libertando-o das influências subjetivistas. O termo 'subjetivistas' se refere à explicação que o sujeito ou o grupo de pessoas dão à vida diária por conta de suas experiências em tais termos, que distorcem a sua mensagem real. Em outras palavras, não é a versão verdadeira da experiência subjetiva. É necessário romper este subjetivismo para chegar à experiência pessoal real. Rollo May nos relata o seguinte: "Frankl aprendeu que a experiência em campo de concentração força o indivíduo a ser um existencialista: quando a vida é reduzida ao simples fato de existir, e quando nada mais tem significado, existe ainda a liberdade básica, quer dizer, a liberdade de escolher a atitude a tomar para com o próprio destino. Isto pode não modificar o destino, mas, modifica enormemente a pessoa" (1974, p. 49).

Os objetivos do aconselhamento existencial poderiam ser resumidos do seguinte modo:



- a. Abertura para a culpa existencial: o cliente deve encontrar a sua resposta à sua realidade pessoal; resposta tal, que corresponde à sua individualidade própria e única, e à sua experiência subjetiva real. Ele terá de deixar de fugir de si mesmo, descobrindo sua falta de autenticidade, assumindo a responsabilidade de seu mundo.
- b. Existência dinâmica: o cliente terá de sentir que a vida é crescimento, desenvolvimento e realização, que há necessidade de ele se libertar de influências paralizantes e de desenvolver novos modelos autênticos em conformidade com a sua estrutura própria. Van Kaam divide o crescimento do cliente em tres movimentos que não se excluem mutuamente, ao contrário, se completam, e podem ocorrer simultaneamente. Apenas um ou outro será mais dominante em certo estágio do aconselhamento:
  1. Primeira fase: libertação de modelos inautênticos;
  2. Segunda fase: descobrimento de modelos reprimidos e desenvolvimento de novos modelos autênticos;
  3. Terceira fase: integração de um modelo novo que surge ou emerge com modelos autênticos passados da existência, em um novo estilo de vida.

Assim, um dos objetivos finais do aconselhamento existencial é a aceitação completa de uma existência dinâmica, aberta para contínuos novos horizontes; procura-se criar uma prontidão para atender às mudanças que surgem. A pessoa terá de ter coragem de si enfrentar na sua dimensão, tanto única como dinâmica. Terá que lutar contra a tirania dos conceitos populares e o despotismo da imagem pública, que tornam a auto-exie

riência pessoal praticamente impossível. A pessoa se preocupa mais com o que parece aos outros, do que com o que ela realmente é; é mais sensível às preferências dos outros, do que aos seus próprios sentimentos.

c. Abertura para conflitos autênticos: neste tipo de aconselhamento, não se pretende resolver todos os conflitos e problemas do cliente, mas procura-se ajudar o homem a descobrir a estrutura básica e única de sua personalidade e comprometê-lo com a realização dessa estrutura. Concebe-se que a contradição e o conflito sempre estão potencialmente presentes na vida de uma pessoa, porém, ela terá de ter a coragem e o elan de encará-los para tomar a sua posição livre e decididamente.

d. Honestidade existencial: significa ser autêntico consigo mesmo, ou no sentido negativo, abdicar de todas as atitudes, ações, hábitos, palavras e expressões, que a pessoa sente como não verdadeiras. Esta honestidade básica habilita o cliente a admitir seus próprios erros, fácil e prontamente, e isto constitui um sinal verdadeiro de crescimento e de progresso. Assimila Van Kaam, que um dos resultados dessa nova atitude adquirida, será o ganho em criatividade e produtividade, pois, a presença de criatividade e produtividade na vida é frequentemente bloqueada pela ansiedade dos erros cometidos.

e. Compromisso existencial: é o entregar-se às exigências da vida, é estar disposto a viver um projeto de vida que, de acordo com seu próprio 'insight', está em harmonia com as exigências realísticas da existência. Paradoxalmente, quanto maior a habilidade para enfrentar os sofrimentos, com tanto maior intensidade o indivíduo saberá gozar livremente

- te as dádivas da vida. Este compromisso deverá ser revisto continuamente, a pessoa precisa readquirir sempre a atitude de compromisso e liberdade genuína, pois as estruturas defensivas, egocêntricas e infantis nunca desaparecem totalmente. Em palavras resumidas: o homem não deve perguntar o que pode exigir da vida, mas sim, o que a vida exige dele.
- f. A aceitação de si: o cliente deve aceitar-se com suas possibilidades e limitações, deve aceitar a sua 'historicidade', isto é, tudo aquilo que a pessoa é e tem, sem ter escolhido, mas com que a pessoa se encontrou ao tomar consciência de si e do seu meio ambiente. A pessoa deve estar pronta a aceitar a realidade do passado e renunciar à procura inconsciente de preenchimento de necessidades que deveriam ser satisfeitas na infância, mas que infelizmente não podem ser atendidas agora que é adulto.

Van Kaam conclui a sua exposição dizendo, que os objetivos ideais do aconselhamento psicológico e da psicoterapia, acima mencionados, constituem um roteiro, uma orientação um farol, mostrando o caminho. Mostram pelo que podemos lutar mesmo se o cliente só possa realizar seu ideal num grau modesto.

Rollo May, no seu livro "Psicologia existencial", expõe mais especificamente para onde o aconselhador existencialista quer levar o seu cliente: ao 'insight'. Depois, de ter demonstrado que toda pessoa é centrada em si mesma, que toda pessoa tem o caráter de auto-afirmação e a necessidade, como também, a possibilidade de sair de centralidade, para participar de outros seres, e que a percepção é o lado subjetivo da centralidade de uma pessoa, ele afirma: "A forma ex-



clusivamente humana de percepção é a auto-consciência (= minha capacidade de conhecer-me como pessoa, a minha experiência própria como pessoa que possui um mundo) e a tarefa do a conselheiro não é apenas ajudar o cliente a tornar-se consciente mas, - o que importa muito mais - ajudá-lo a transmutar a sua percepção em consciência. A pessoa do cliente precisa de 'insight', de visão internalizada, de ver o mundo e seus problemas com relação a si mesma. Assim ela estará em condições de fazer algo sobre os seus problemas" (1974, p.89).

No livro "O homem a procura de si mesmo", o mesmo autor distingue tres estágios da auto-consciência:

- Inocência: a criança, antes do surgimento da auto-consciência;
- Auto-consciência comum: através dela a pessoa pode, até certo ponto, distinguir seus erros e fazer concessões aos seus preconceitos, utilizar os sentimentos de culpa e ansiedade como experiências, com as quais poderá aprender a tomar decisões com certa responsabilidade;
- 'Insight' repentino de um problema: é uma solução que surge e que se havia procurado por vários dias; seria o 'despertar de idéias' ou 'inspiração'. O autor propõe chamar a este nível de 'auto-consciência criativa', cujo termo clássico seria 'êxtase', é um estágio que atingimos em raras oportunidades.

Neste contexto compreendemos a afirmação do autor: "Não existe tal coisa como verdade ou realidade para um ser humano, a menos que este participe dela, tenha consciência dela e tenha certa relação com ela ( 1973, p. 113).

Assim o aconselhamento psicológico existencial en-

volve a centralização na pessoa existente e enfatiza o ser humano como emergente, em evolução. Definir-se a si mesmo não é viver; viver é agir para definir-se a si mesmo. O existencialismo não é um sistema de aconselhamento ou psicoterapia, mas uma atitude para com o aconselhamento psicológico.

O modelo antropológico - Sabemos que o existencialismo, como uma corrente filosófica, teve a sua origem nos escritos de Soren Kierkegaard, o qual destaca a posição única e individual de cada pessoa, a responsabilidade pessoal de cada ser humano e as vivências intraduzíveis e absolutamente subjetivas de cada um de nós. Ele beirava, por assim dizer, o solipsismo, tanto que acentuava a existência individual de cada um. A figura mais expressiva da corrente existencialista é, sem dúvida alguma, Jean Paul Sartre através de sua obra principal: "L'Être et le Néant", uma das afirmações mais célebres e que, de fato, caracteriza todo o pensamento existencialista é: "O homem é o que não é, e não é o que é". O homem é essencialmente um 'projeto', sempre em caminho de sua realização, mas ao mesmo tempo, sempre transcendendo aquilo que conseguiu. O homem tem a imensa responsabilidade de se fazer constantemente, sem poder apoiar-se em coisa alguma. Ele fará as suas escolhas de modo soberano, sabendo que toda escolha é um sacrifício, mas terá de fazê-las para si e para todos, uma vez o que ele escolha para si como sendo o melhor, será o mais indicado para todos. Portanto, o critério de ação é o próprio indivíduo na sua vontade obrigatória de se projetar para frente sem chegar jamais a definição alguma, e por isto mesmo, o homem está sem critério, a não ser a sua própria opção racional e, paradoxalmente, arbitrária ao mesmo tempo.

Neste contexto dá para entender uma das teses mais conhecidas do existencialismo, a saber, a existência precede a essência. Se isto é verdade, então será impossível 'definir' o homem. Por este motivo Sartre descreve o ser humano nos seguintes termos: "O homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo, e só depois se define" (1970, p. 216). Ressalta dessa afirmação a importância da 'condição humana', isto é, ao abrir os olhos o homem se encontra a si mesmo, vê-se situado num determinado meio ambiente e cercado por determinados outros seres humanos em seu redor. Isto constitui a sua 'historicidade': tudo aquilo que o homem tem como ponto de partida, sem ter escolhido. A tarefa do homem é a procura de sua auto-realização, de sua auto-definição, a qual, na realidade, não está ao seu alcance, pois, ele deixaria de ser o que é: ser consciente ('pour soi'), para tornar-se definido ou 'coisa acabada' ('en soi'). De fato, a morte lhe surpreenderá um belo dia, tornando o homem uma 'paixão inútil' e a sua existência um absurdo, conclui Sartre (1950). Para o existencialista a vida é um desafio.

##### 5. O ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO DESENVOLVIMENTALISTA

Pretendemos encerrar este capítulo-parte especificamente teórica do nosso trabalho - destacando a visão desenvolvimentista do processo do aconselhamento psicológico. Não devemos considerar o aconselhamento desenvolvimentista como uma linha específica de aconselhamento psicológico. Os desenvolvimentistas, por assim dizer, procuram apresentar um



determinado ponto de vista como o quadro de referência básico para todo o trabalho do psicólogo-aconselhador. Será um ponto de vista, um ponto de partida, já no nível operacional, que facilitará a tomada de atitude e que proporcionará a possibilidade de se situar corretamente diante do cliente por parte do aconselhador. Ainda conforme a visão desenvolvimentista, o próprio profissional terá de chegar à sua posição pessoal tanto no nível filosófico e teórico, como no nível operacional. Não é possível colocar-se simplesmente dentro de uma determinada linha; o aconselhador terá de elaborar a sua 'teoria' e a sua metodologia, sempre a partir daquilo que já existe no campo teórico e operacional, mas enriquecido com os dados de sua experiência pessoal e profissional.

Alguns dos principais expositores da visão desenvolvimentista são A. Thompson, Donald H. Blocher e Leona Tyler. Estes autores propõem como quadro de referência básico para todo o trabalho em aconselhamento psicológico, a visão do homem como um 'vir-a-ser', um ser em contínua evolução, pois, todos nós passamos pelas diversas fases, que podem ser diferenciadas e identificadas devidamente. Encaram, portanto, o processo de desenvolvimento humano como uma passagem pelas fases de exploração, de organização, de estabilidade, de manutenção e de declínio. Toda a pessoa a ser atendida pelo aconselhador, deve ser vista e compreendida dentro de sua faixa de desenvolvimento, levando sempre em conta as fases pelas quais o indivíduo já passou, como também as fases que estão a ser enfrentadas pela pessoa.

Para os desenvolvimentistas, determinadas áreas de conhecimento psicológico são de fundamental importância para

a devida compreensão do quadro de referência básico. Daí que para eles o aconselhador deve estar familiarizado com os seguintes quatro campos de conhecimento psicológico (Thompson, 1964): a. As características da saúde mental; b. A natureza do desenvolvimento humano; c. O funcionamento do conceito de eu; d. A natureza das tomadas de decisão. Estenderemo-nos um pouco sobre estas quatro áreas, o que facilitará o entendimento da visão desenvolvimentista, uma vez que o conhecimento destas áreas é indispensável para um bom desempenho do a conselhador desenvolvimentista.

a. Aconselhamento psicológico e saúde mental - Para o desenvolvimentista, o objetivo principal, tanto do ponto de vista do cliente como do aconselhador, do trabalho de aconselhamento é a obtenção e a manutenção de saúde mental. O que caracteriza o aconselhamento psicológico do ponto de vista desenvolvimentista, é o fortalecimento das potencialidades do cliente e a ênfase no progresso do cliente em direção a algum alvo na sua vida. A saúde mental é um termo bastante relativo; poderíamos dizer, porém, que entendemos por uma pessoa mentalmente sadia, um indivíduo que tem suficiente compreensão de si mesmo e de seu ambiente para desempenhar um papel efetivo e satisfatório dentro de sua família, no seu trabalho e no meio da sociedade.

b. Aconselhamento psicológico e desenvolvimento humano - A maturidade sempre estará intimamente ligada com a fase de desenvolvimento da pessoa, portanto, sempre trata-se de uma maturidade relativa: a característica da saúde mental. Daí, é óbvio que o aconselhador psicológico precisa ser um perito em desenvolvimento humano. Ele precisa saber que es

pécie de comportamento é apropriada em termos de idade da pessoa e em termos de vivências e experiências ambientais. Ele precisa estar a par de que tipo de experiências, dentro e fora do consultório, irá facilitar a obtenção dos objetivos, apropriados para esta pessoa. Ele precisa saber julgar se é melhor ajudar o indivíduo a reduzir a distância entre o que lhe é necessário, e o que ele é capaz de alcançar; e para tal ele atuará em função de duas metas : a. aumentar o nível de desempenho, ou b. baixar o nível de aspiração do cliente. Por fim, o aconselhador deve saber identificar se as atitudes e comportamentos, exibidos pelo indivíduo, são "normais" para o estágio de desenvolvimento dessa pessoa.

- c. O aconselhamento psicológico e o funcionamento do conceito do eu - Existe no homem uma unidade, um comportamento padrão, o qual resulta de uma hierarquia de necessidades, que cresce sobre algum sistema básico de valores. E é este sistema de valores que motiva o comportamento do indivíduo nos vários estágios de conscientização. Como vimos, uma das principais metas do aconselhamento psicológico do ponto de vista desenvolvimentista, é levar a pessoa a um melhor entendimento de si mesmo, de suas necessidades e das razões que dirigem o seu comportamento. Mas, há vários níveis de compreensão de si e não é necessário no processo do aconselhamento psicológico, este "entender completamente" as causas mais profundas do comportamento de uma pessoa. O nível de compreensão dos "porques" do comportamento de um indivíduo depende das necessidades de "mudar" este comportamento. Aqui está a principal di-



ferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia para os desenvolvimentistas: na psicoterapia, a meta principal e explícita é a mudança de atitudes e comportamentos indesejáveis; no aconselhamento psicológico, o objetivo mais frequente é a máxima utilização dum repertório corrente de comportamento ou a aquisição de novos ou adicionais comportamentos.

- d. Aconselhamento psicológico e a tomada de decisões - Vivemos numa era e num sistema social que exige muito da nossa tomada de decisões e da nossa habilidade de planejamento. Pelo menos o princípio de que cada indivíduo tem o direito de escolher, existe. Visa-se por esta liberdade de escolha, beneficiar tanto a sociedade como o próprio indivíduo. Mas, para que este crescimento seja saudável, deve haver uma recíproca interação entre as demandas da sociedade e da escolha dos indivíduos. A tomada de decisão é um tema muito estudado nos últimos anos. Revelou-se a validade de estabelecer que a escolha é uma função: 1. da adequação e da fidedignidade da informação disponível; 2. de um entendimento do tipo da decisão apropriada à situação; 3. da eliminação e redução da influência das irracionalidades, que interferem nas decisões adequadas.
- De tudo isto, segue-se que o aconselhador psicológico deve compreender suficientemente o seu cliente para descobrir se o modo de o cliente lidar com determinadas situações-problema, representa uma característica individual de personalidade ou está sendo determinado por um fator relativamente transitório ou cambiável.

Os desenvolvimentistas acentuam muito a importância

de um modelo de eficiência humana para conceitualizar a relação que existe entre o aconselhamento psicológico e o seu objetivo principal, que é a maximização da eficiência humana. O comportamento que assegura ao indivíduo o maior e mais duradouro controle possível sobre o seu ambiente e sobre as respostas afetivas, provocadas nele pelo seu meio ambiente, vai constituir no comportamento humano eficiente, do ponto de vista prático. A psicologia moderna dá muito pouca informação a respeito dos comportamentos através dos quais milhares de pessoas levam uma vida eficiente e tranquila.

Donald H. Blocher no seu livro "Developmental Counseling" levanta tres dimensões deste modelo de eficiência humana: a. Papeis e relacionamento - sabemos que existe uma diferença enorme entre as pessoas na maneira como elas lidam com os diversos papéis, que lhes são solicitados e, até certo ponto, impostos pelo meio ambiente e se sentem no meio deles, aceitando ou rejeitando-os com maior ou menor grau de satisfação. As expectativas por parte do meio ambiente são formalizadas em obrigações e responsabilidades, enquanto o não cumprimento destas expectativas resultará em crítica e repreensão, que provocam normalmente a ansiedade. Na medida em que a pessoa se desenvolve, se modificarão os papéis e as expectativas por parte da sociedade e haverá necessidade de modificação de comportamento por parte da pessoa. Daí, a necessidade de mudança de repertório de comportamentos durante toda a vida de um indivíduo. Sempre, porém, ocorrem determinadas descontinuidades entre o desenvolvimento de uma pessoa e as demandas do meio ambiente. Será mais especificamente em épocas de crises ou transição nas quais a pessoa necessitará

de ajuda, possivelmente através dos serviços de aconselhamento psicológico, para adquirir novos ou mais eficientes comportamentos.

b. Comportamentos a serem aprendidos - É a segunda dimensão do modelo de eficiência humana. O aconselhador deve estar a par do grande número possível de comportamentos, adequados para o cliente dentro de uma determinada situação ambiental e deve estar à disposição do cliente na aquisição daqueles comportamentos, que serão mais eficientes do ponto de vista dele. Isto normalmente consiste em exercitar a pessoa na solução de seus próprios problemas, em outras palavras, deve ser um processo ativo de aprendizagem.

c. Tarefas de desenvolvimento - Essa terceira dimensão é uma consequência da precedente. O desenvolvimento humano é facilitado, assegurando a cada indivíduo a oportunidade de se exercitar naquelas tarefas e papéis que lhe dão o equipamento necessário em termos comportamentais, de poder adaptar-se adequadamente ao seu estágio atual ou próximo de desenvolvimento. O aconselhador psicológico deve ser um entendido na identificação e na localização dos padrões de comportamento que devem ser estimulados e aperfeiçoados na pessoa do cliente, tendo sempre como ponto de partida a fase de evolução deste cliente. Vale destacar aqui que a tarefa de desenvolvimento, considerada a mais central pelos seguidores dessa linha, é a formação de identidade. Na medida em que a pessoa cresce e evolui, ela deverá atingir um grau de auto-identificação maior, no sentido de perceber-se a si mesma nos seus diversos papéis assumidos e no seu relacionamento com o meio ambiente e com as demais pessoas. A interdependência do indivíduo e a



sociedade ou o seu grupo é enfatizada. Identidade é o senso de pertencer a, de estar em harmonia com, de se interessar pelas outras pessoas, grupos e ideais. É o oposto de alienação e isolamento (Blocher, 1966).

Além do destaque das diversas fases de evolução de uma pessoa, dos quatro campos de conhecimento psicológico e do modelo de eficiência humana com as suas dimensões características, os desenvolvimentistas acentuam muito a importância de uma tomada de posição por parte do aconselhador, pessoal e integrada, diante das diversas conceituações teóricas e antropológicas, que sustentam e dão unidade ao trabalho do psicólogo-aconselhador. Ou como diz Leona Tyler, o aconselhador precisa de uma grande variedade de conceitos teóricos, mas para o bem de sua auto-confiança e segurança ele terá de estruturá-los num todo organizado. Uma tal organização, que vai constituir a teoria pessoal do aconselhador, será algo de dinâmico e crescente. O cultivo de uma tal teoria é, evidentemente, uma tarefa de longa duração. Todo livro que se lê, cada cliente que se começa a conhecer bem, vão aumentar a complexidade deste padrão teórico pessoal (Tyler, 1953).

CAPÍTULO II  
A PESQUISA DE CAMPO

## A. O MÉTODO

### 1. FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

As hipóteses de trabalho, formuladas com suficiente fundamentação, a partir da parte precedente de carter teórico, são as seguintes:

- $H_1$  = Existe uma diferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia.
- $H_2$  = Esta diferença está, de modo mais específico, na finalidade e na clientela destes dois serviços.
- $H_3$  = O psicólogo formado deveria estar em condições de assumir o papel de aconselhador psicológico.
- $H_4$  = Uma das tarefas fundamentais do psicólogo como profissional é o exercício da função de aconselhador psicológico.
- $H_5$  = A prática do aconselhamento psicológico se baseia nos dados da psicologia teórica e na experiência crescente do próprio profissional como aconselhador.
- $H_6$  = O papel do psicólogo de que a nossa sociedade necessita mais, é o de aconselhador psicológico.
- $H_7$  = Os serviços de aconselhamento psicológico têm, em princípio, prioridade sobre os serviços de psicoterapia.

São estas as hipóteses que pretendemos testar, através de um questionário, tendo como universo os psicólogos, residentes na capital de São Paulo e registrados no Conselho Regional de Psicologia.

### 2. ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.



Após o estabelecimento das hipóteses a serem pesquisadas, procuramos o meio mais eficiente para testar a atitude do profissional diante de determinadas questões levantadas, referentes às hipóteses estabelecidas. Optamos pelo questionário, devido às qualidades deste instrumento. Um questionário pode ser elaborado com relativa simplicidade de tal modo que não se exija muito do entrevistando. Através do questionário pode-se dirigir a investigação para uma determinada finalidade sem maiores insistências. No caso estávamos interessados na atitude dos profissionais diante dos serviços de aconselhamento psicológico e de psicoterapia. Além disso, o questionário possibilita uma apuração mais objetiva para posterior tratamento estatístico, desde que seja confeccionado com categorias de respostas pré-estabelecidas.

Do outro lado, estamos bem conscientes das limitações, que são inerentes a este instrumento, principalmente tratando-se de opiniões ou pontos de vista - que revelam uma determinada atitude - referentes às problemáticas levantadas, pois, estas opiniões não são facilmente traduzíveis em termos matemáticos ou estatísticos. Em outras palavras, as razões pelas quais as respostas dadas ficam, de fato, uma grande incógnita.

Para obtermos as informações, solicitadas pelo questionário, tivemos a felicidade de contar com um grupo de 30 estudantes de psicologia, devidamente instruídos, quanto à finalidade e à importância do trabalho a ser executado. Foram treinados para tomarem as mesmas atitudes diante dos entrevistados, para não interferirem na qualidade das respostas re-

cebidas, como também para poderem responder homogeneamente às possíveis perguntas, levantadas pelos mesmos entrevistados.

Vale destacar, outrossim, que antes da realização da pesquisa de campo foi feito um pré-teste do questionário para testar sua validade e fidedignidade, num grupo de 15 psicólogos de outro município, solicitando aos mesmos a acusação de possíveis ambiguidades e inclarezas encontradas nas questões formuladas. Deste modo chegámos ao questionário definitivo, depois de algumas reformulações.

Distinguimos no questionário elaborado duas classes de questões, isto é; questões que visam a caracterização global do universo e questões que dizem respeito diretamente às hipóteses, previamente formuladas.

Por fim, queremos esclarecer ainda o seguinte: É evidente que todo questionário, confeccionado para testar determinadas hipóteses, previamente estabelecidas, revela uma relativa 'diretividade' mas, o que vale saber é se os entrevistados sorteados, apesar do fato de serem 'dirigidos' até certo ponto, aceitam ou rejeitam as questões levantadas no questionário. Uma vez que estávamos preocupados na apresentação de um questionário claro, simples e sucinto, exatamente para facilitar a aceitação do mesmo, evitando, portanto, o aumento desnecessário das modalidades de resposta, acreditamos ter incorrido em determinados riscos de obliquidade mas, do outro lado, estávamos prontos a aceitá-los, tendo em vista o nosso objetivo, que se resume na detecção de uma determinada tendência ou direção de atitude e opinião por parte dos psicólogos profissionais diante dos serviços de

aconselhamento psicológico e de psicoterapia.

### 3. JUSTIFICATIVA DA AMOSTRA

O universo a que nós nos limitamos para testar as hipóteses formuladas, abrange todos os psicólogos, residentes na capital do estado de São Paulo e registrados no Conselho Regional de Psicologia. Constatou-se que o universo, de finido deste modo, conteve um total de 1.130 profissionais. Uma vez que se trata de uma só e mesma classe de profissionais e, além disso, todos eles em posse de uma formação semelhante em nível superior, podemos caracterizar este universo como sendo de caráter homogêneo. Por este motivo também, não definimos previamente a terminologia, empregada no questionário, pois, podíamos supor a existência de uma conceituação relativamente acertada no meio destes profissionais a respeito destes termos, a qual por sua vez, ia determinar a atitude dos mesmos diante dos serviços de aconselhamento psicológico e de psicoterapia.

O tipo de amostra de que lançamos mão, foi a amostra aleatória simples, ou randômica, definida como uma amostra, selecionada de tal maneira que todos os elementos da população ou universo têm probabilidades iguais e independentes de serem incluídos na amostra. É de fácil compreensão que os dois fatores: a homogeneidade do universo e a aleatoriedade da amostra, dão maior sustento aos resultados desta pesquisa de campo.

O processo de extração da amostra foi feita do seguinte modo: solicitamos do Conselho Regional de Psicologia



da 6ª região uma lista completa e atualizada dos endereços de todos os psicólogos, registrados neste conselho regional e separamos, em seguida, os endereços dos psicólogos, residentes na capital de São Paulo, enumerando-os de 1, 2, 3, 4, a diante, chegando desta maneira ao número de 1.130. O próximo passo foi o sorteio de 150 psicólogos através da tábua de números randômicos de R.A. Fisher e F. Yates. Os profissionais sorteados foram, por sua vez, visitados pelos nossos entrevistadores para o devido preenchimento do questionário elaborado. Como na maioria das pesquisas de campo, muitos foram os fatores que dificultaram o andamento da coleta de dados, como por exemplo: viagem, mudança de endereço e inexistência do mesmo, férias, impossibilidade de atender e simples recusa. Daí que houve necessidade de aumentar o número de elementos da amostra. Sorteamos aleatoriamente mais 40 psicólogos, totalizando assim um número de 190 profissionais. Ocorreu a mortalidade de 100 questionários. Mas para o tipo de tratamento estatístico proposto, este número obtido foi considerado satisfatório.

Nível de mensuração - em função das categorias estabelecidas no próprio questionário e reconhecidas após a coleta de dados, verificou-se que a maioria dos dados só poderiam ser agrupados em escalas do tipo nominal, as quais não permitem, como sabemos, a utilização do tratamento inferencial, dado pelos métodos estatísticos clássicos. Além disso, dado o grande número de variáveis intervenientes, uma vez que se trata de um levantamento de opiniões e atitudes, não tínhamos conhecimento preciso das características do universo frente às questões, levantadas no questionário, e é muito prová-

vel que a sua distribuição não se caracterize, exatamente por este motivo, como de tipo normal, caracterizada pela curva de Gauss. Logo, para testarmos as hipóteses formuladas foram utilizados testes não-paramétricos. Assim é, que empregamos basicamente o teste  $X^2$  para o caso de uma amostra e o Coeficiente de Contingência "C".

Nível de significância - adotamos o nível de significância, o que torna muito restrita a possibilidade de cometer-se erros de decisão estatística.

Tipos de testes - levando em conta as peculiaridades do universo, como também o nível de mensuração, julgamos conveniente a utilização, basicamente, do teste  $X^2$  e do coeficiente "C". O teste  $X^2$  visou testar as hipóteses, formuladas no início da pesquisa e isto porque, no caso, tínhamos uma única amostra e as respostas dadas se apresentaram, de modo geral, dicotômica ou tricotômica. O coeficiente de contingência "C", por sua vez, foi utilizado, posto que no decorrer da pesquisa, se verificou que algumas das respostas apresentaram correlação entre si. Assim foi possível verificar-se, através de "C", a força e a direção dessas correlações.

## B. OS RESULTADOS

### 1. LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Passamos em seguida para a fase do levantamento dos dados, obtidos através do questionário, conseguidos na nossa peregrinação pelo universo dos psicólogos registrados da capital de São Paulo. Como roteiro tomaremos a sequência

das perguntas, formuladas no questionário e a cada levantamento acrescentaremos uma análise condensada dos dados obtidos.

1. Qual o curso de graduação feito? \_\_\_\_\_

Após o levantamento constatou-se que 11 psicólogos não fizeram o curso de graduação regular em psicologia, o que corresponde a 10% da população.

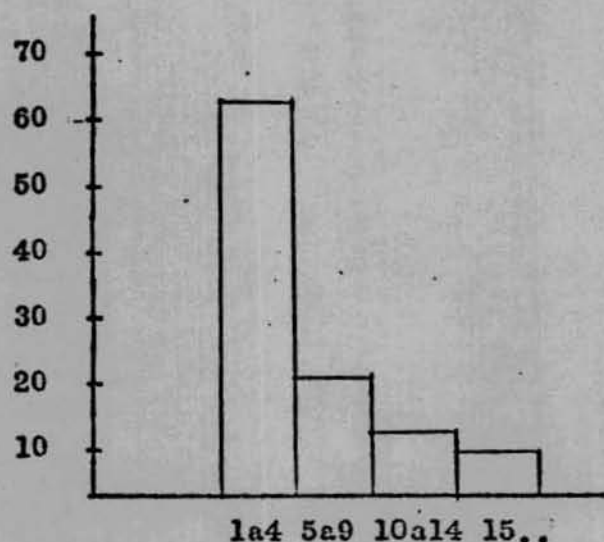
2. Há quantos anos você se formou? 1 a 4 ( ) 5 a 9 ( )  
10 a 14 ( ) 15 a... ( )

Os resultados foram os seguintes:

ANOS DE FORMADO	F
1 a 4	57
5 a 9	15
10 a 14	11
MAIS DE 15...	9
TOTAL	90

Temos de anotar, logo de início, que estamos bem conscientes de que os resultados, apresentados durante toda a exposição, apenas nos permitem uma aproximação do universo real, em decorrência do tamanho da amostra; dificuldade essa, que em muitos casos deixou de existir, posto que os testes demonstraram serem os resultados significativos. Traduzindo os resultados acima numa linguagem gráfica, a imagem é a seguinte:





O gráfico nos mostra uma visão aproximada do universo dos psicólogos da capital de São Paulo, quanto aos anos de formação como profissional. Este resultado é compreensível, levando-se em conta que a profissão de psicólogo data do ano de 1934, portanto, bastante recente. Sabemos também do surto que se deu referente aos cursos de graduação em psicologia nos últimos anos.

3. Após do curso de graduação você fez (ou está fazendo) outro curso? Sim ( ) Não ( )

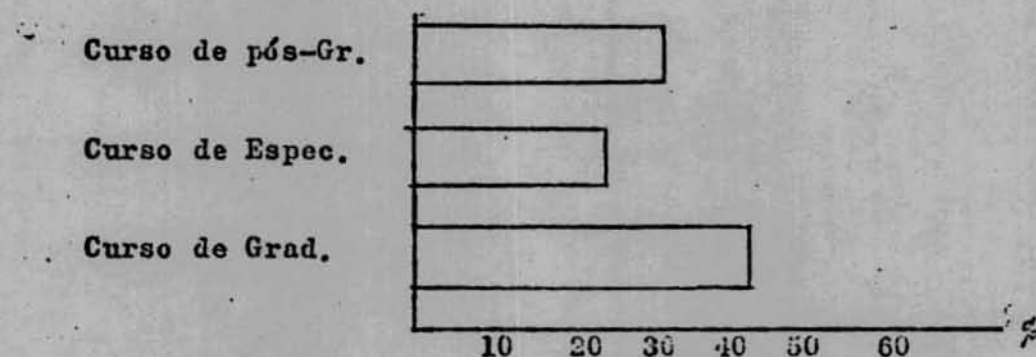
(em caso afirmativo): Que tipo de curso? \_\_\_\_\_

Em que área? \_\_\_\_\_

Os resultados foram os seguintes:

CATEGORIAS	F
Os que fizeram algum curso de pós-graduação	30
Os que fizeram algum curso de especialização	22
Os que se limitaram ao curso de graduação	38
TOTAL	90

Traduzindo estes resultados numa linguagem gráfica, obtemos a seguinte imagem:

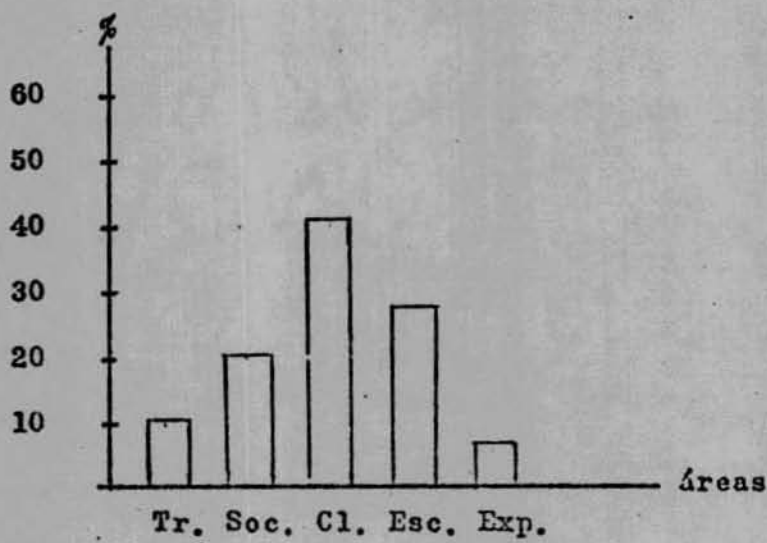


O gráfico nos fornece a indicação de que um pouco mais que a metade da população dos psicólogos procura um maior aperfeiçoamento dentro do campo de sua atuação profissional. A pós-graduação como tal, tem uma procura maior que o curso de especialização; compreensível, quando se leva em conta os benefícios, que a pós-graduação traz consigo, principalmente em relação à área do magistério.

Analisando mais um pouco os dados que se referem especificamente aos que fizeram ou estão fazendo o curso de pós-graduação, ou em outras palavras, às respostas dadas à pergunta: em que área?, encontramos os seguintes resultados:

Áreas	f
Trabalho	3
Escolar	7
Experimental	2
Social	6
Clínica	12
Total	30

Os mesmos resultados numa linguagem gráfica:



O significado destes resultados não podem ser superestimados, devido à escassez de uma maior diversidade dos cursos de pós-graduação. As oportunidades de fazer um curso de pós-graduação são aproveitadas, mesmo se não seja na área de preferência. A esta explicação chegamos ao comparar os resultados deste item com os dados do item seguinte, onde, por exemplo, só encontramos quatro psicólogos na área da psicologia escolar. Seja como fôr, a área mais solicitada é indubitavelmente a área da psicologia clínica.

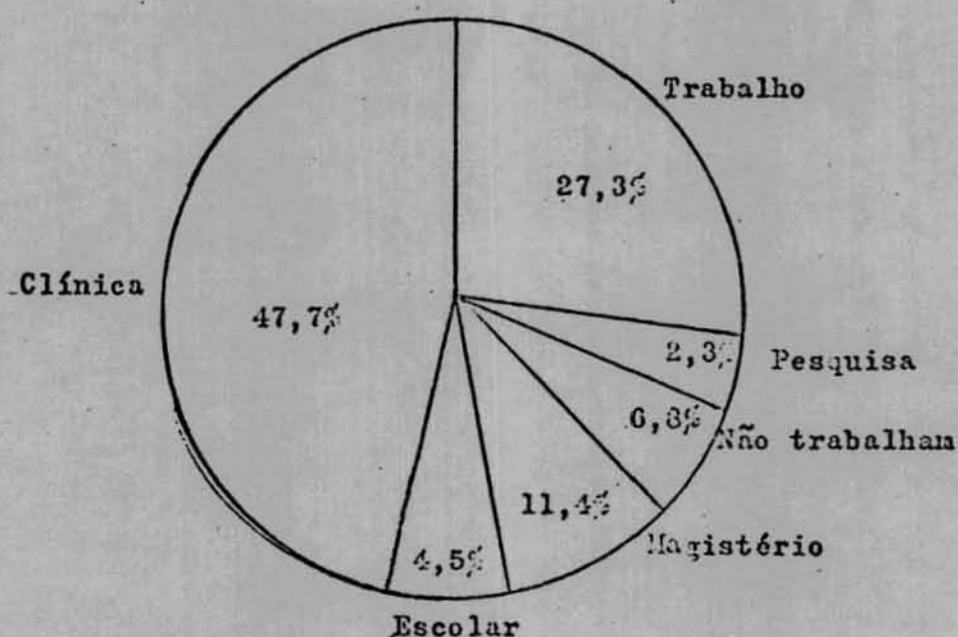
4. Qual é sua área de trabalho atual? \_\_\_\_\_

As respostas dadas a esta pergunta foram classificadas do seguinte modo:



área de trabalho	f
Psicologia do trabalho	24
Psicologia escolar	4
Psicologia clínica	42
Magistério	10
Pesquisa	2
Não trabalham	8
Total	90

Os resultados acima agora representados por um gráfico de setores:



Este gráfico, que expressa em proporção percentual a distribuição dos psicólogos nas diversas áreas de trabalho, é bastante significativo. Confirma, o que já é voz comum, que a maioria dos psicólogos estão voltados para a área da psicologia clínica e muitos outros profissionais para a

área da psicologia do trabalho. Lamentavelmente, aparece muito baixa o índice de psicólogos que estão integrados no campo da psicologia escolar, área por sinal muitíssimo propícia para o trabalho de aconselhamento psicológico. Um número apreciável de psicólogos encontra na área do magistério o seu refúgio. Os psicólogos que se dedicam especificamente ao trabalho de pesquisa, ou em outras palavras, à maior evolução da psicologia do ponto de vista científico formam uma ínfima minoria. Parece evidente, portanto, que tanto o aspecto preventivo como o aspecto científico da psicologia aplicada, não estão recebendo ainda as devidas atenções.

5. a) No seu entender existe diferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia? Sim ( ) Não ( )

As respostas dadas foram as seguintes:

Modalidade de resposta	f
Sim	71
Não	16
Total	87

$$\chi^2 = 34,76$$

$$GL = 1$$

Significativo ao nível 0,001

Com este resultado podemos afirmar com alto grau de segurança que a distribuição é altamente significativa e que a diferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia-

pia é admitida pela classe dos psicólogos.

b) Onde está esta diferença mais especificamente, (indique

2 itens: na fundamentação teórica? (FT)

na finalidade? (F)

nas técnicas? (T)

na clientela? (C)

A apuração dos dados deu o seguinte quadro:

Diferença considerada	f
FT	23
T	45
F	44
C	14
Total	126

$$X^2 = 22,75$$

$$GL = 3$$

Significativo ao nível 0,001

Não podemos afirmar nada a respeito deste resultado, a não ser que a distribuição não se deve em absoluto ao acaso. Mas, uma vez que foi solicitada a indicação de dois itens, passemos para o registro em pares:



Diferença considerada	f
FT + F	6
FT + T	12
FT + C	-
F + T	21
F + C	6
T + C	7
Total	52

$$X^2 = 29,75$$

$$GL = 5$$

Significativo ao nível 0,001

O que podemos constatar a partir deste resultado, muito expressivo, é que a diferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia está sendo atribuída à diferença na finalidade dos dois serviços de assistência psicológica e nas técnicas, empregadas por estes mesmos serviços. Que a opção FT + C não obteve uma só escolha, é bastante significativo.

A partir da nossa hipótese de que a diferença entre os dois serviços está na finalidade e na clientela, poderíamos agrupar os dados ainda do seguinte modo:

Diferença considerada	f
Totalmente certa (F+C)	6
Parcialmente certa (FT+F / FT+C / F+T / T+C)	34
Totalmente errada (FT+T)	12
Total	52

$$\chi^2 = 25,12$$

$$GL = 2$$

Significativo ao nível 0,001

O que obtivemos de informação a respeito da quinta pergunta do questionário, podemos resumir do seguinte modo : a diferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia é feita pela maioria dos psicólogos do nosso universo e esta diferença está mais especificamente na finalidade e nas técnicas destes dois serviços, de onde concluímos que os psicólogos estão parcialmente bem orientados.

6. No seu curso de graduação, qual foi o tema de destaque da cadeira de aconselhamento psicológico? \_\_\_\_\_

Uma vez que esta pergunta é de caráter mais descritivo, assinalaremos simplesmente as respostas dadas com maior frequência:

- aconselhamento rogeriano : 37
- temas diversos : 19
- não constou no curso : 13
- sem resposta : 13
- não lembra : 6

Acreditamos que este quadro reflete de um modo bastante rea

lista a situação existente em relação à cadeira do aconselhamento psicológico dos nossos cursos de graduação. Se o aconselhamento psicológico não está sendo identificado com os ensinamentos de Carl Rogers, então pouca coisa resta realmente dessa cadeira. Vale destacar ainda que os tópicos, mencionados na classe de 'temas diversos' dizem respeito mais diretamente à cadeira de Técnicas de Exames do que ao aconselhamento psicológico, propriamente dito.

7. Com qual das quatro sentenças você se identifica mais?

Na prática do aconselhamento psicológico, o psicólogo se orienta:

- a. ( ) pelas várias técnicas de aconselhamento psicológico. (T)
- b. ( ) pelos dados de determinadas teorias de personalidade. (TP)
- c. ( ) pela sua experiência na área, como psicólogo. (E)
- d. ( ) pelo embasamento teórico e a experiência, simultaneamente. (TE)

Os resultados foram os seguintes:

Tipo de orientação	f
T	8
TP	1
E	4
TE	73
Total	86

$$X^2 = 165,61$$

$$GL = 3$$



Encontramos grandes dificuldades na formulação desta pergunta para evitar um determinado grau de indução, presente na própria proposição. Seja como for, diante dessa situação criada, a grande maioria dos psicólogos se identifica com a quarta alternativa sem dúvida alguma; de modo que podemos afirmar que os profissionais sabem apreciar tanto o embasamento teórico quanto a experiência pessoal na área.

8. Qual o papel do psicólogo de que a nossa sociedade necessita mais: ( ) o de psicoterapeuta?  
( ) o de aconselhador?

A apuração deu o seguinte quadro:

Tipos de papeis	f
Psicoterapeuta	23
Aconselhador	49
Total	72

$$\chi^2 = 9,38$$

$$GL = 1$$

Significativo ao nível 0,01

A partir deste resultado, podemos afirmar com bastante segurança que existe uma forte tendência no meio dos psicólogos de, diante da colocação acima mencionada, reconhecer que o papel de aconselhador por parte do psicólogo é de maior necessidade para a nossa sociedade do que o papel de psicoterapeuta. Embora não solicitado, alguns profis-

sionais assinalaram a e b, simultâneamente (em número de oito), mas mesmo computando este número a favor do papel de psicoterapeuta, podemos sustentar a mesma afirmação, agora sendo ela significativa ao nível 0,05.

9. O psicólogo formado deveria estar em condições de assumir o papel de: ( ) psicoterapeuta?

( ) aconselhador?

( ) nenhum deles?

( ) ambos?

Os resultados foram os seguintes:

Papeis considerados	f
Psicoterapeuta	7
Aconselhador	29
Nenhum	9
Ambos	33
Total	90

$$\chi^2 = 31,31$$

$$GL = 3$$

Significativo ao nível 0,001

Esta pergunta foi formulada para formarmos uma idéia a respeito do que se espera quanto à formação de um aconselhador e de um psicoterapeuta. Acreditamos que o psicólogo formado deveria ter condições de prestar assistência psicológica a toda pessoa em situação de crise ou de transição, enquanto o trabalho de um psicoterapeuta requer uma

especialização a mais. A distribuição acima é significativa e não se deve em absoluto ao acaso. Podemos afirmar, a partir destes dados, que existe na população de psicólogos pesquisada uma ligeira tendência de admitir que o psicólogo formado deveria estar em condições de assumir tanto o papel de aconselhador como o de psicoterapeuta. Acreditamos que o fato de que ao psicólogo formado, do ponto de vista legal, não é feita nenhuma restrição quanto ao exercício de sua profissão, influenciou bastante. E além disso, temos de levar em conta que a classe de psicólogos, entre 1 a 4 anos de exercício da profissão, é predominante, sendo ela ao mesmo tempo a mais inexperiente e a mais ansiosa.

Encontramos em seguida no questionário, cinco proposições a respeito das quais os entrevistados foram convidados a expressar-se conforme as seguintes alternativas: Concordo - em dúvida - Discordo. Apresentaremos os resultados obtidos com a respectiva análise.

- 10: - Qualquer tentativa de diferenciar aconselhamento psicológico de psicoterapia é ilusória e impraticável.

Concordo

em dúvida

Discordo

---

Os resultados que obtivemos foram os seguintes:



Alternativas	f
Concordo	22
Em dúvida	19
Discordo	49
Total	90

$$X^2 = 18,19$$

$$GL = 2$$

Significativo ao nível 0,001

Este resultado é uma confirmação daquilo que afirmamos referente ao resultado da quinta pergunta. Para nos certificar, se houve, de fato, correspondência entre as respostas dadas na quinta e nesta décima questão, procuramos a respectiva correlação.

10ª questão

Altern. Resp.	Conc.	Disc.	Total
Sim	9	43	52
Não	12	2	14
Total	21	45	66

$$"C" = 0,80$$

Assim está comprovado que houve, de fato, congruência entre as respostas dadas pelos entrevistados, pois uma correlação de 0,80 é altamente significativa.

11. - Não há possibilidade de chegar a teorias de aconselha-



A apuração resultou no seguinte quadro:

Alternativas	f
Concordo	49
Em dúvida	16
Discordo	25
Total	90

$$X^2 = 20,39$$

$$GL = 2$$

Significativo ao nível 0,001

Este resultado justifica a afirmação que os psicólogos, de fato, tendem a concordar com o fato de que a função de aconselhador psicológico é inerente à profissão de psicólogo. Um motivo a mais para uma melhor elaboração do programa da cadeira de aconselhamento psicológico nos cursos de graduação.

13. - Os serviços de aconselhamento psicológico merecem em princípio prioridade sobre os serviços de psicoterapia.

Concordo

em dúvida

Discordo

---

Os resultados desta questão foram os seguintes:



Alternativas	f
Concordo	30
Em dúvida	24
Discordo	35
Total	89

$$\chi^2 = 2,0$$

$$GL = 2$$

Significado ao nível 0,50

O nível de significância não atingiu o critério estabelecido; é bastante provável que os dados obtidos sejam devidos ao acaso. De fato, trata-se de uma afirmação que deve provocar muita discussão entre os profissionais.

14. - A escassez bibliográfica no nosso idioma revela que, no Brasil, o aconselhamento psicológico desperta pouco interesse entre os psicólogos.

Concordo                      em dúvida                      Discordo

Os resultados foram os seguintes:

Alternativas	f
Concordo	27
Em dúvida	30
Discordo	33
Total	90

Não há necessidade de tratamento estatístico algum. É como se fôsse uma distribuição por acaso. Nada podemos adiantar quanto à questão formulada. De fato, a escassez bibliográfica pode ter muitos motivos e o motivo citado não convenceu a classe dos psicólogos.

#### Comentários suplementares

Entre os dados obtidos na pergunta: 'Qual o papel do psicólogo de que a nossa sociedade necessita mais' e os resultados obtidos na questão: 'Os serviços de aconselhamento psicológico merecem em princípio prioridade sobre os serviços de psicoterapia' foi constatada a seguinte correlação:

		13ª questão		
8ª questão	Altern.	Conc.	Disc.	Total
	Resp.			
	psicoter.	2	22	24
	aconselh.	28	8	36
	Total	30	30	60

$$"C" = 0,56$$

Essa correlação mediana constatada nos indica que os profissionais que consideram o papel de psicoterapeuta por parte do psicólogo tão importante para a sociedade quanto o de aconselhador, tendem igualmente a discordar da prioridade dos serviços de aconselhamento psicológico sobre os serviços de psicoterapia. É evidente que também o inverso ocorre.

Constatou-se uma correlação existente entre as questões 8 e 12: 'Qual o papel do psicólogo de que a nossa sociedade necessita mais' e 'O exercício da função de aconselhador é uma das tarefas fundamentais do psicólogo como tal'.

O quadro é o seguinte:

## 12ª questão

8ª questão

Altern. Resp.	Conc.	Disc.	Total
Psicoter.	8	14	22
Aconselh.	32	8	40
Total	40	22	62

$$"C" = 0,43$$

A partir dessa correlação mediana podemos afirmar que os profissionais, que concordam com o fato de que a sociedade necessita mais de aconselheiros do que de psicoterapeutas, tendem a admitir também que o exercício da função de aconselha-dor é uma das tarefas fundamentais do psicólogo como tal.

Vejamos os resultados obtidos nas questões 12 e 13: 'O exercício da função de aconselhador é uma das tarefas fundamen-  
tais do psicólogo como tal' e 'Os serviços de aconselhamento  
psicológico merecem em princípio prioridade sobre os serviços  
de psicoterapia.'

## 13ª questão

12ª questão

Altern. Resp.	Conc.	Disc.	Total
Conc.	21	15	36
Disc.	2	16	18
Total	23	31	54

$$"C" = 0,41$$

Essa correlação mediana nos indica que os psicólogos que consideram a função de aconselhador fundamental para o profissio-nal como tal, tendem igualmente a aceitar uma certa priori-dade dos serviços de aconselhamento sobre os serviços de psi-



coterapia. É interessante observar que não foi encontrada correlação alguma entre as questões 9 e 12: 'O psicólogo formado deveria estar em condições de assumir o papel de: psicoterapeuta (ambos) ou aconselhador' e 'O exercício da função de a aconselhador é uma das tarefas fundamental do psicólogo como tal'. Vale lembrar que a tendência predominante foi de que o psicólogo formado deveria estar em condições de assumir tanto o papel de psicoterapeuta como o de aconselhador.

Procuramos igualmente verificar se a condição de 'estar atuando na área da psicologia clínica' e a de 'não estar atuando na área da psicologia clínica' diferenciou a posição do profissional diante das diversas questões levantadas, porém, nenhuma correlação foi detectada.

## 2. CONTRAÇÃO DOS DADOS DA ANÁLISE COM AS HIPÓTESES ESTABELECIDAS E AS RESPECTIVAS SUGESTÕES.

Passamos para a confrontação dos resultados, obtidos através da análise dos dados, com as hipóteses levantadas no início deste capítulo.

### 1. Existe uma diferença entre aconselhamento e psicoterapia.

Não há dúvida de que a população de psicólogos pesquisada adere à corrente da diferenciação entre o aconselhamento psicológico e a psicoterapia. Isto tem a sua significação na medida em que a partir deste consenso possa ser empreendido todo um trabalho de aprofundamento e de maior divulgação referente ao aconselhamento psicológico, tanto como uma cadeira distinta das demais existentes no curso de Formação de Psicólogo, como também na qualidade de um ramo da

psicologia aplicada, que merece ser apreciado a tal ponto que seja possível a penetração deste serviço nas mais variadas áreas da atividade humana.

2. Esta diferença entre aconselhamento psicológico e psicoterapia está mais especificamente na finalidade e na clientela destes mesmos serviços.

Esta hipótese não se confirmou. Os resultados demonstraram que houve uma orientação parcialmente acertada dos profissionais a respeito do aconselhamento psicológico, na medida em que indicaram a finalidade como uma das características distintivas do aconselhamento psicológico face à psicoterapia, mas do outro lado, deram ênfase demasiada às técnicas, as quais não são, por si só, elementos diferenciais. A acentuação no elemento 'técnicas' estranha um pouco, uma vez que a maioria dos psicólogos tendem a identificar o aconselhamento psicológico com a posição rogeriana, onde não há lugar para 'técnicas'.

3. O psicólogo formado deveria estar em condições de assumir o papel de aconselhador psicológico.

Esta hipótese foi formulada com o propósito de testar se o papel de psicoterapeuta, na realidade, requer uma maior especialização por parte do profissional, em oposição ao papel de aconselhador psicológico. Neste sentido, esta hipótese não se confirmou, isto é, a maioria dos profissionais gostariam de ver que o psicólogo formado estivesse, de fato, em condições de assumir tanto o papel de aconselhador psicológico quanto o de psicoterapeuta. Eles reconhecem, sem dúvida, que muitas vezes ocorrem deficiências nos cursos de graduação e que uma maior preparação é algo de necessário

mas, em princípio, o psicólogo formado deveria ter condições para assumir ambos os papéis. Aqui encontramos toda uma área que necessita ser explorada mais a fundo para que as verdadeiras razões desta tomada de posição por parte dos profissionais sejam identificadas.

4. Uma das tarefas fundamentais do psicólogo como profissional é o exercício da função de aconselhador psicológico.

Esta hipótese foi confirmada. Os psicólogos tendem a admitir que 'aconselhar' no sentido psicológico, é o que caracteriza a profissão do psicólogo. Isto revela, ao nosso ver, que o psicólogo está tomando consciência de que a sua primeira preocupação como profissional terá que ser a de cuidar da saúde psíquica da pessoa, do grupo e da sociedade, qualquer que seja a sua área de atuação profissional específica.

5. A prática do aconselhamento psicológico se baseia nos dados da psicologia teórica e na experiência crescente do próprio profissional como aconselhador.

Os resultados demonstraram que os psicólogos se identificaram com certa facilidade com esta proposição. É importante que o profissional nunca chega a diminuir em importância os dados da ciência, isto é, os dados da psicologia teórica e da pesquisa sistematizada, mas ao mesmo tempo, sabe apreciar o elemento indispensável da experiência, sem a qual não possa haver uma atuação confiante por parte do profissional.

6. O papel do psicólogo de que a nossa sociedade necessita mais, é o de aconselhador psicológico.

Esta hipótese foi confirmada, o que nos dá uma indicação



de que entre os profissionais existe uma tendência de se voltar mais especificamente para a psicologia aplicada no sentido preventivo. Sabemos que a psicologia clínica, na prática, é predominantemente de caráter curativo e que as pessoas procuram o profissional, normalmente levadas por uma necessidade, e não como algo de natural e oportuno para determinadas épocas de crise, de difíceis decisões ou de acontecimentos imprevistos. Deste ponto de vista há necessidade de uma revisão quanto à conceituação da profissão de psicólogo.

7. Os serviços de aconselhamento psicológico tem, em princípio, prioridade sobre os serviços de psicoterapia.

Esta hipótese não foi confirmada. De fato, seria necessária uma pesquisa mais diferenciada e mais extensa para esclarecer a posição tomada diante dessa afirmação por parte dos profissionais. É conhecido que a maioria dos psicólogos estão voltados para a área da psicologia clínica, mesmo não atuando nesta área, e não é fácil admitir uma prioridade dos serviços de aconselhamento psicológico, a não ser que o aconselhamento psicológico seja entendido de maneira exata e em toda a sua extensão, principalmente porque a situação atual testemunha o contrário.

CONCLUSÕES FINAIS

Não podemos afirmar que o aconselhamento psicológico está sendo compreendido e apreciado pela classe dos psicólogos de modo satisfatório. Reconhecemos que essa nossa pesquisa de campo foi muito limitada e, de modo algum, exaustiva. Muito pelo contrário. Foi uma primeira tentativa de colocar a problemática e levantar hipóteses que poderão subsidiar futuras pesquisas.

Certo é que existe entre os profissionais uma necessidade muito pronunciada de se informar melhor a respeito do aconselhamento psicológico, como também a consciência da necessidade de 'prestar ajuda psicológica' a uma camada muito mais ampla da população. Os psicólogos, por exemplo, não aceitam que a escassez bibliográfica referente ao aconselhamento psicológico, é devida à falta de interesse a respeito do tema. E nós estamos de acordo. Acreditamos que é muito mais por falta de aceitação e compreensão da nossa profissão como tal, este ofuscamento do psicólogo como aconselhador psicológico. A nossa sociedade, ávida em resultados imediatos e palpáveis, encontra dificuldade em reconhecer os serviços de assistência, também os de assistência psicológica, como de importância primordial tanto para a pessoa quanto para a própria sociedade. As áreas de sobrevivência do profissional-psicólogo são praticamente a área da psicologia clínica e a da psicologia do trabalho e isto na medida em que produzem efeitos salutareos concretos e imediatos. O próprio profissional sofre as consequências deste estado de coisas, na medida em que começa a ter dificuldade de encarar a sua profissão como uma profissão de ajuda, e de ajuda psicológica, pois, esta ajuda psicológica à pessoa como tal, muitas vezes, não tem esse caráter imediato e concreto e por



isso mesmo não estará valorizada devidamente.

Do outro lado, caberá ao psicólogo, através de uma conscientização de classe de, aos poucos, fazer valer a concepção de que a assistência psicológica é algo de natural e indispensável, tanto para a pessoa como para a própria sociedade. Para tanto, muito trabalho de esclarecimento e de aprofundamento deve ser efetuado ainda dentro da própria classe, para que ela se possa impor e fazer prevalecer as funções fundamentais do profissional-psicólogo: responsável pela saúde psíquica da pessoa, do grupo e da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCHER, H. DONALD - Developmental Counseling. New York: The Ronald Press Company, 1966.
- BOHOSLOVSKY, R. - Orientacion Vocacional da Estrategia Clínica. Buenos Aires: Ed. Galerno, 1971.
- BORDIN, E.S. - Psychological Counseling. New York: Appleton Century Crofts Inc., 1955.
- BRAMMER, L.M. e SHOSTROM, E.L. - Therapeutic Psychology. New Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1960.
- CARKHUFF, ROBERT R. and TRUAX, CHARLES B. - An Evaluation of an Integrated Didactic and Experiential Approach. Journal of Counseling Psychology, 1965, 29 (4): 333-336.
- CARKHUFF, ROBERT R. - Effect of Client Depth of Self-Exploration upon High- and Low-Functioning Counselors. Journal of Counseling Psychology, 1967, 14 (4): 350-355.
- CARKHUFF, ROBERT R. - Toward a Comprehensive Model of Facilitation on Interpersonal Process. Journal of Counseling Psychology, 1967a, 14 (1): 67-72.
- CARKHUFF, ROBERT R. and ALEXIK, MAE - Differencial Functioning of Lay and Professional Helpers. Journal of Counseling Psychology, 1968, 15 (2): 117-126.
- COUSINS, NORMAN - The New Computerized Age. Saturday Review, 1966, 23: 5-12.
- CUELI, JOSÉ e REIDL, LUCY - Theorias de la Personalidad. Mexico, Editorial Trillas, 1974.



- CULLY, MC. C. HAROLD - Developments of a Decade of V.A. Counseling. Personnel and Guidance Journal, 1960, 38: 350-357.
- CULLY, MC. C. HAROLD - Conceptions of Man and the Helping Professions. Personnel and Guidance Journal, 1966, 44: 912-919.
- DINKLEYER, DON C. - Guidance and Counseling in the Elementary School. Readings in Theory and Practice. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- EYSENCK, H.J. - Learning Theory and Behavior Therapy. In: EYSENCK, H. J. - Behavior Therapy and Neurosis, Glasgow, 1960.
- EVANS, R.I. - B.F. Skinner: The Man and his Ideas. New York: Dutton, 1968.
- FRICK, WILLARD B. - Humanistic Psychology - Interviews with Maslow, Murphy and Rogers. Columbus, Ohio: Charles E. Merrill Publishing Company, 1971. Traduzido por Eduardo d'Almeida para Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.
- KRUMBOLTZ, JOHN D. - Behavior Counseling: Rationale and Research. Personnel and Guidance Journal, 1965, 44: 383-387.
- KRUMBOLTZ, JOHN D. (comp.) - Revolution in Counseling, Boston: Houghton Mifflin Company, 1966.
- KRUMBOLTZ, JOHN D. - Behavior Goals for Counseling. Journal of Counseling Psychology, 1966, 13: 154-155.
- LUNDIN, ROBERT W. - Personality: A Behavioral Analysis. New York: The MacMillan Company, 1969. Traduzido por Rachel Rodrigues Kerbauy e Luiz Otávio de Seixas Queiroz para Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- LEWIS, E.P. - The Psychology of Counseling. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- LAY, ROLLO - Man's Search for Himself. New York: W.W. Norton & Company, 1953. Traduzido por Aurea Brito Weissenberg para Ed. Vozes, Petrópolis, 1971.
- LAY, ROLLO - Existential Psychology. The American Orthopsychiatric Assn., 1960. Traduzido por Ernani Pereira Xavier para Ed. Globo. Porto A-

- MICHAEL, JACK e MEYERSON, LEE - A Behavior Approach to Counseling and Guidance. Harvard Educational Review, 1962, 32: 364-385.
- PATTERSON, C.H. - Theories of Counseling and Psychotherapy. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.
- ROGERS, CARL R. - On Becoming a Person. 1961. Traduzido por Manuel José do Carmo Ferreira para Moraes Editores, Lisboa, 1970.
- ROGERS, CARL R. - Client-Centered Therapy. Boston: Houghton Mifflin, 1951. Traduzido por Manuel do Carmo Ferreira para Moraes Editores, Lisboa, 1974.
- ROGERS, CARL R. e KINGET, MARIAN G. - Psychothérapie et Relations Humaines. Théorie et Pratique de la Thérapie Non-Directive. Louvaine, Universidade de Leuven, Studia Psychologica, 1962. Traduzido por Maria Luisa Bizzotto com supervisão técnica de Rachel Kopit para Interlivros, Belo Horizonte, 1975.
- SARTRE, JEAN PAUL - L'Existencialisme est un Humanisme. Paris: Les Editions Nagel. Traduzido e comentado por Vergílio Ferreira para Editorial Presença, Lisboa, 1970.
- SCHEEFFER, RUTH - Algumas Conclusões do Simposium sobre o Aconselhamento na Atualidade. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 1975, 27: 43-47.
- SHERTZER, BRUCE e STONE, SHELLEY - Manual para el Asesoramiento Psicológico (Counseling). Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.
- SKINNER, B.F. - Science and Human Behavior. New York: McMillan Company, 1953. Traduzido por João Cláudio Todorov Rodolpho Azzi para Ed. Universidade de Brasília, 1970.
- SKINNER, B.F. - Beyond Freedom and Dignity. New York: A.A. Knopf, 1971. Traduzido por Leonardo Goulart e Maria Lúcia Ferreira Goulart para Ed. Bloch, Rio de Janeiro, 1971.

- SUPER, D.E. - Transition: From Vocacional Guidance to Counseling. Journal of Counseling Psychology, 1955, 2: 3-9.
- SUPER, D.E. - Personality Integration Through Vocacional Counseling. Journal of Counseling Psychology, 1955, 2: 217-226.
- SUPER, D.E. - Psicologia de los Interesses y las Vocaciones. Buenos Aires: Ed. Kapelusz, 1967.
- THOMPSON, ALBERT S. - Personality Dinamics and Vocacional Counseling. Journal of Counseling Psychology, 1960, 33: 350-357.
- THOMPSON, ALBERT S. - Counseling and the Age of Man. Journal of Counseling Psychology, 1964, 11 (3): 221-229.
- TYLER, LEONA E. - Theoritical Principles Underlying Counseling Process. Journal of Counseling Psychology, 1958, 5: 3-10.
- WATSON, J.B. e Mc. DOUGALL, W. - The Battle of Behaviorisme. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1957.
- WHITEHEAD, ALFRED NORTH - The Concept of Nature. London: Cambridge University Press, 1920.
- WILLIAMSON, E.G. - Counseling Adolescents. New York: Mc. Graw-Hill Book Company, 1950.
- WILLIAMSON, E.G. - Vocacional Counseling. Trait - Factor Theory. New York: Mc. Graw-Hill Book Company, 1955.
- WOLBERG, L.R. - The Techniques of Psychotherapy. New York: Grune Sratton, 1967.